

UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FACULDADE DE MEDICINA

Ménage à moi

*Estudo sobre as representações da masturbação na televisão e no cinema
mainstream*

Rita Manuela Ferreira Alcaire Alves

Dezembro de 2010

UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FACULDADE DE MEDICINA

Ménage à moi

*Estudo sobre as representações da masturbação na televisão e no cinema
mainstream*

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina da
Universidade de Coimbra
para a obtenção do grau de Mestre em Psiquiatria Cultural
Orientador: Professor Doutor José Luís Pio Abreu

Rita Manuela Ferreira Alcaire Alves

Dezembro de 2010

A masturbação goza, até "desconstrói", as categorias e os conceitos dos nossos discursos sexuais cotidiano (comum) e técnico (científico). A masturbação, como o sexo que pode ocorrer num bom casamento ou com amante íntimo e que admiramos, é sexo com alguém de quem gosto e a cuja satisfação e bem-estar eu sou devoto. A masturbação é incestuosa, uma vez que acontece com alguém com quem tenho relações de sangue, alguém da minha própria família. Se eu sou casado, masturbar-me é adúltero, uma vez que é sexo com alguém que não é meu cônjuge, com quem não sou casado. A masturbação é homossexual: um homem satisfaz sexualmente um homem ou uma mulher satisfaz sexualmente uma mulher. A masturbação é pederasta, quando praticada por um jovem. A masturbação é o sexo em que caímos de forma ocasional e inadvertidamente ou inconscientemente ("se sacudir mais do que duas vezes, você está a brincar com ele"), e, portanto, a masturbação é sexo que não é completamente voluntário ou consensual, não é completamente contra a minha vontade, mas não totalmente por vontade própria também. E a masturbação com fantasias – apoiando-nos na visão de Rousseau – é a violação promíscua de cada homem, mulher ou animal, dependendo do que se gosta. Dada a natureza estranha da masturbação, não é nenhum espanto que anunciemos o nosso casamento e que nos gabemos dos nossos casos e conquistas, mas silenciosamente mantenhamos as nossas práticas masturbatórias para nós mesmos.

Alan Soble

AGRADECIMENTOS

Desde o início do meu percurso de mestrado, que agora se completa com a apresentação desta dissertação, contei com o voto de confiança e com o apoio de várias pessoas. Sei, sem sombra de dúvidas, que o seu contributo foi decisivo para realizar este trabalho.

Ao Professor Doutor José Luís Pio Abreu agradeço ter acolhido com toda a abertura e disponibilidade o meu interesse por este tema. A sua larga experiência de orientação e permanente disponibilidade, assim como as questões que me colocou sobre a estrutura, a pesquisa e forma como iria apresentar os resultados, permitiram-me encontrar informações e soluções que em muito contribuíram para o cumprimento desta etapa.

Aos meus colegas de mestrado Hélder Almeida, Isabel Fazenda e Nuno Carrilho pelo acompanhamento da forma como o trabalho se foi desenvolvendo, pelas inúmeras trocas de impressões, correcções e comentários ao trabalho.

Estou de igual modo muito grata aos meus amigos mais próximos pela motivação, força e compreensão, dando tempo e espaço para as minhas pesquisas, mesmo que isso se sobrepusesse a outros projectos e compromissos já assumidos.

O meu mais profundo e sentido agradecimento à minha colega e amiga Isabel Gil pelo seu incansável apoio moral e amizade. Sem a sua permanente disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas, partilha de ideias e sem o seu constante encorajamento, tenho a certeza que realizar este trabalho não teria sido possível.

RESUMO

Partindo de uma revisão bibliográfica do corpo de pesquisa dedicado ao tema e de representações culturais recentes, este trabalho de investigação tenta perceber, entre outros aspectos, a forma como a masturbação é vista e representada actualmente no cinema e na televisão *mainstream*, e relacionar estas representações com a sua herança histórica, médica e também religiosa. Examina as atitudes perante a masturbação na cultura ocidental, tal como se reflecte nos filmes, incluindo produções nacionais, e tenta perceber como a cultura influenciou a representação de comportamentos sexuais e até a forma como estes comportamentos são vistos pela sociedade.

Aquilo que se pretende não é construir novas teorias mas fazer um estudo que enfatize o contraste entre as teorias religiosas, médicas e sociais em geral e a complexidade da vida real, dos comportamentos de pessoas comuns, sobre os quais nem sempre se reflecte, tensões que raramente são analisadas por historiadores.

Em suma, o trabalho argumenta que a atitude negativa que ainda hoje se encontra nas representações da masturbação é igualmente modelada tanto pelo pânico anti-masturbatório dos séculos XVIII e XIX como por atitudes contemporâneas da prática.

ABSTRACT

From a review of the research body dedicated to the subject and of recent cultural representations, this research tries to understand, among other things, how masturbation is currently viewed and represented in mainstream film and television, and relates these representations with its historical, medical and religious heritage. It examines attitudes towards masturbation in western culture, as reflected in films and television, including national productions, and tries to understand how culture influenced the depiction of sexual behaviour itself and how these behaviours are faced by society.

The aim is not to create new theories, but to do a study that emphasizes the contrast between religious, medical and social theories in general and the complexity of real life, the behaviour of ordinary people, about which we don't usually think about, tensions that rarely are analyzed by historians.

In sum, this paper argues that the negative attitude that still lies in the representations of masturbation is also shaped by both the anti-masturbation panic of the eighteenth and nineteenth centuries as well as by contemporary attitudes of this practice.

ÍNDICE

A MOTIVAÇÃO	8
METODOLOGIA	13
A MASTURBAÇÃO HUMANA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA	15
A MASTURBAÇÃO NO CINEMA E TELEVISÃO RECENTES	30
O mainstream	31
A MASTURBAÇÃO NO (GRANDE E PEQUENO) ECRÃ.....	33
Beleza Americana, Sam Mendes (1999).....	34
Aquele Querido Mês e Agosto, Miguel Gomes (2008).....	37
Seinfeld, “O Concurso” (1992)	40
Doidos por Mary, Peter e Bobby Farrelly (1998)	41
Sexo e a Cidade, "A tartaruga e a Lebre" (1998).....	41
Psycho, Gus Van Sant (1998).....	42
A Cela, Tarsem Singh (1999).....	42
American Pie, Paul Weitz (1999).....	42
Inadaptado, Spike Jonze (2002)	43
O Delfim, Fernando Lopes (2002)	43
A Lula e a Baleia, Noah Baumbach (2005).....	43
Weeds, O Último Tango em Agrestic (2006).....	44
Call Girl, António Pedro Vasconcelos (2007).....	44
A MASTURBAÇÃO NO CINEMA E NA TELEVISÃO RECENTES – DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	46
O adulto desenquadrado.....	48
O louco.....	48
O adolescente imaturo.....	49
CONCLUSÕES GERAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

A motivação

No parágrafo inicial do seu livro *Elogio da Masturbação* (2006: 9) Philippe Brenot resume em nove linhas a riqueza, complexidade e a herança conturbada com que se lida quando o assunto é masturbação:

Confesso aqui publicamente e como acto expiatório: “Sim, já me masturbei... e várias vezes!”.

Esta confissão de um crime abjecto reforçado pela reincidência ter-me-ia custado a vida em Espanha, no tempo da Inquisição, ter-me-ia valido a prisão no século XVIII, umas bastonadas e sevícias corporais no século XIX e desprezo e uma dura reprovação ainda há bem pouco tempo. Hoje deixa alguns indiferentes, mas ainda melindra outros cujas dúvidas os deixam sem saber o que pensar sobre isso.

Ao longo de séculos, a masturbação tem sido acompanhada de um conjunto de reacções negativas, sendo hoje considerada, de forma unânime, a nível científico, como um acto erótico fundamental no desenvolvimento psicosssexual do indivíduo (Fonseca, 1987). Universalmente praticada desde sempre, tal como as evidências históricas o demonstram, a masturbação foi encarada de várias formas, em diferentes locais e em diferentes culturas (Cornog, 2003) estando este conjunto de visões negativas associado, genericamente, aos países ocidentais de influência Católica.

O desenvolvimento contínuo do conhecimento em diferentes áreas das ciências naturais ajudou a erodir lentamente concepções que são hoje tidas como falsas e desadequadas sobre a sexualidade. Também a teologia, a filosofia, a literatura e a antropologia (entre outras áreas) tiveram o seu lugar na construção de novas ideias sobre a sexualidade e de uma perspectiva variante sobre a masturbação, numa mudança de atitudes que se tem vindo a verificar ao longo dos tempos e que ainda está em curso.

Nas últimas décadas, a discussão em torno do tema aumentou: encontramos-la presente em várias formas de arte (da dramaturgia às artes plásticas), surgiram lojas de venda de produtos eróticos (*sex-shops*) – muitos deles com finalidades masturbatórias –, e no campo académico prospera um corpo sólido de pesquisa. Philippe Brenot (antropólogo e psiquiatra), já referido, mas também Jean Stengers e Ann Van Neck (2001), Gregory Tuck (2003; 2005; 2008) e Alan Soble (2007), entre tantos outros, contribuíram com importantes estudos sobre a masturbação nas mais variadas áreas. Mas foi Thomas Laqueur, historiador norte-americano, o responsável pelo trabalho mais volumoso e profundo dedicado ao tema. O seu livro *Solitary Sex – A Cultural History of*

Masturbation (2004) cobre com detalhe vários séculos para explicar como a masturbação se transformou em patologia sexual e, mais tarde, deixou de o ser, fazendo uma ligação entre a história da masturbação e uma questão mais alargada – a própria história do *self*.

Destaca-se aqui um episódio relacionado com esta publicação que ocorreu em 2002, enquanto ainda trabalhava na preparação deste trabalho. Nessa altura, Laqueur foi convidado a participar como palestrante em Harvard, no âmbito do programa “History and Literature”. Esta iniciativa compreendia a discussão do trabalho do autor convidado, tendo os alunos a hipótese de lhe colocar questões. Stephen Greenblatt, responsável pelo programa e responsável pelo convite dirigido a Laqueur, descreve num artigo intitulado “Me, Myself and I” publicado, em 2004, no jornal *The New Yorker*, o mal-estar gerado pelo anúncio da palestra junto não dos alunos a quem ela se dirigia, mas do corpo docente da universidade. Os professores mostraram-se reactivos ao facto de os alunos serem “forçados” a ler sobre masturbação. Surgiram não só objecções concretas ao tema, mas também melindres de linguagem e risos a que se juntou, paralelamente, por parte da imprensa, uma procura de informação apenas sobre aquela conferência e não sobre o conjunto em que se inseria. Optou-se, então, por dar aos alunos uma escolha: podiam ler qualquer trabalho do autor e não obrigatoriamente o mais recente. Uma aluna mórmon mostrou-se interessada num trabalho de Laqueur sobre religião. Todos os outros mantiveram a opção inicial.

Em Portugal, onde a produção académica sobre o tema é quase inexistente¹, a masturbação é tabu em muitos meios. A título de exemplo pode referir-se o estudo “Vivências Sexuais dos Jovens da Beira Interior”, da autoria da investigadora Patrícia Brancal, da Universidade da Beira Interior, realizado em 2007. A propósito da revelação dos resultados desta investigação, de acordo com um comunicado da agência Lusa divulgado em vários *sites*², a própria autora refere que “gostava de ter um universo maior, mas as escolas públicas não quiseram distribuir o questionário, sobretudo quando confrontadas com perguntas sobre hábitos de sexo oral, anal e masturbação.”

Esta circunstância é contrastante com as principais políticas educativas e de saúde pública na União Europeia e também em Portugal, onde uma disciplina de saúde sexual

¹ Aqui é importante referir a dissertação de mestrado de Vânia Beliz em Sexologia na Universidade Lusófona de Lisboa intitulada “Estilos de Masturbação Feminina e Orgasmo no Coito”, defendida em Outubro de 2010. O objectivo, segundo a própria autora foi realizar “o estudo de um dos comportamentos mais enigmáticos da sexualidade feminina, a masturbação, de forma a compreender a relação entre os estilos de masturbação feminina e a capacidade das mulheres atingirem o orgasmo na relação coital.”

(<http://belizsexologia.blogspot.com/2010/10/estilos-de-masturbacao-feminina-e-o.html?zx=e6d4adbc7079cbdd>).

²<http://www.ensino.eu/2007/out2007/universidade.html>; <http://www2.kaminhos.com/artigo.aspx?id=7232&seccao=0>

e reprodutiva, que se deveria reflectir no trabalho das turmas, foi recentemente integrada nos *curricula* escolares.

O número de trabalhos de antropólogos na área da saúde e da sexualidade tem aumentado progressivamente, existindo hoje uma vasta literatura sobre o assunto. A antropologia considera que a sexualidade (assim como a saúde) e aquilo que se relaciona com ela são fenómenos culturalmente construídos e culturalmente interpretados. A perspectiva qualitativa preconizada por esta disciplina é então empregue para identificar e analisar a relação entre os factores sociais e culturais na construção de formas características de *pensar e agir* perante a saúde a sexualidade (e a relação entre ambas) ampliando assim, por exemplo, a leitura daquilo que é considerado um processo patológico.

E quando se fala do estudo da sexualidade é importante prestar atenção ao facto de que:

A necessidade de situar a Sexologia dentro de um contexto social em mudança rápida é mandatário para quem, por uma razão ou outra, é impelido a reflectir sobre esse campo. Tal é evidente, particularmente, quando se trata de pessoas pertencentes ao sector das Ciências da Saúde; de facto, a evolução da pesquisa a nível da compreensão e manejo da problemática da sexualidade tem sido notável a partir do primeiro quartel do século passado e a tendência previsível é a de que, no actual, tal momento se acentue - daí o imperativo duma permanente actualização dos conhecimentos. Contudo, a procura destes não se pode limitar a uma área meramente "técnica", como aquela que é coberta pela Sexologia Clínica; de facto, esta especialidade desperta, cada vez mais, problemas de interface com outras zonas da vida humana que tornam indispensável o esforço pela abrangência possível. (Silveira Nunes, 2003:17)

Fazer uma pesquisa de interligação entre disciplinas é então essencial para quebrar barreiras, ultrapassar fronteiras e enriquecer os resultados. Nesse aspecto, a literatura, o cinema, a televisão e a pornografia podem ser fontes válidas e férteis de informação em termos de comportamentos e atitudes relacionados com a sexualidade, a que importa estar atento.

No que diz respeito à masturbação em concreto, estas fontes de informação mostram que, embora exista um aumento de visibilidade, muitas representações continuam a adoptar e a promover uma atitude negativa que se apoia na forma polémica como começou a ser vista no século XVIII em igual medida com as atitudes contemporâneas sobre esta prática.

Dessa forma, partindo de uma revisão bibliográfica do corpo de pesquisa dedicado ao tema e de representações culturais recentes, este trabalho de investigação irá tentar perceber, entre outros aspectos, a forma como a masturbação é vista e representada actualmente no cinema e na televisão, e relacionar estas representações com a sua herança histórica, médica e também religiosa. Examinará as atitudes perante a masturbação na cultura ocidental, tal como se reflecte nos filmes, incluindo produções nacionais, e tentará perceber como a cultura influenciou a representação de comportamentos sexuais e até a forma como estes comportamentos são vistos pela sociedade.

A principal motivação para fazer um trabalho desta natureza surge da vontade de discutir a forma como o assunto tem sido abordado ao longo do tempo e com que consequências, chegando até à maneira como é encarado actualmente.

A tese pretende mostrar, ao mesmo tempo, o progresso para o qual a medicina - nomeadamente a psiquiatria - , mas também a teologia e a antropologia têm contribuído, designadamente na construção de uma mudança de atitudes em relação à masturbação. Um estudo como este pretende ser um contributo para psiquiatras e outros profissionais de saúde mental, profissionais do audiovisual e para qualquer indivíduo que se interesse por sexualidade.

Aquilo que se pretende não é constituir novas teorias mas fazer um estudo que enfatize o contraste entre as teorias religiosas, médicas e sociais em geral e a complexidade da vida real, dos comportamentos de pessoas comuns, sobre os quais nem sempre se reflecte, tensões que raramente são analisadas por historiadores. Por outras palavras, fazer o confronto entre as ideias que temos e os masturbadores que somos.

São então objectivos deste trabalho:

1. Verificar a pertinência do tema masturbação;
2. Pesquisar as representações sobre o tema veiculadas por diversas disciplinas – história, antropologia, cinema... – através de uma metodologia qualitativa;
3. Tentar uma abordagem idêntica no âmbito da cultura lusófona, mais precisamente em produções cinematográficas nacionais.

Fazer um trabalho sobre masturbação será uma modesta contribuição tanto para a história da sexualidade como para a história da medicina e permite, desde já prever alguns resultados, como por exemplo:

1. Revelar uma circunstância bastante simples e, por isso, difícil de constatar: que algo que parece sempre presente, que parece não necessitar que se fale nela, que parece ser apenas parte do ser humano, tem na verdade uma longa, fascinante e conflituosa história;
2. Documentar também o sofrimento e o dano causado pelas distorções médicas e religiosas classicamente incrustadas, ao recuperar desta forma a história cultural e social
3. Evidenciar melhor as atitudes perante a masturbação e a forma como tem sido abordada;
4. Mostrar como a cultura influenciou o modo como a masturbação é vista, criou receios e configurou valores e, dessa forma, como a sexualidade se inscreve em modelos biomédicos por via da cultura;

No entanto, dada a raridade de estudos sobre o tema, será mais importante destacar as suas consequências ou perspectivas futuras, designadamente:

1. Contribuir para a pesquisa histórica de práticas estigmatizadas e, assim, ajudar a diminuir o estigma a elas sujeitas;
2. Trazer subsídios para a abordagem deste tema tanto na prática clínica como no senso comum;
3. Auxiliar a combater estereótipos sobre a masturbação.

Metodologia

Masturbação é um tema inesgotável. Relaciona-se com as áreas da medicina, da literatura e da ética, com atitudes e crenças, e com a própria história da percepção humana sobre o corpo e a sexualidade, entre muitas outras. No entanto, o facto de se tratar de um tema inesgotável não se reflecte na visibilidade que tem na esfera pública e na produção escrita sobre o assunto. Desde a década de 1960 surgiram não mais de três dezenas de livros. Entre eles, segundo Martha Cornog - que fez um levantamento de existências no seu *The Big Book of Masturbation* (2003) -, sete eram de ficção, de piadas ou de imagens. Não havia muitos que se dedicassem a alguma reflexão sobre o assunto ou a descrições de cariz mais histórico. O facto causa também estranheza quando as estatísticas apontam a masturbação como uma das actividades sexuais mais comuns, senão mesmo a mais comum, nos humanos. Em 1948 e 1953, os relatórios Kinsey revelaram que cerca de 92% dos homens e 62% das mulheres se masturbavam ou pelo menos admitiam-no. Actualmente, pensa-se que a percentagem ronda os 100% para os homens e 82% para as mulheres (varia muito consoante os estudos).

Por isso, o primeiro passo a dar quando se opta por analisar uma ou várias dimensões deste tema é, sem dúvida, circunscrever o objecto de estudo e escolher a metodologia adequada para o analisar, ou seja, fazer escolhas.

Às escolhas feitas neste trabalho de investigação não foram alheias a formação académica da autora, assim como a sua experiência profissional recente. Pode afirmar-se com segurança que a licenciatura em antropologia, na vertente social e cultural, e o trabalho desenvolvido na área dos audiovisuais, mais precisamente na realização de vários documentários, foram decisivos para a escolha das representações da masturbação em filmes de cinema e em séries televisivas, estrangeiros e nacionais.

A decisão de analisar produtos audiovisuais pode parecer pouco ortodoxa, ainda mais quando a antropologia radica as suas pesquisas de forma quase obrigatória em informações que recolhe junto dos intervenientes de determinado contexto. Mas é exactamente da experiência académica e profissional referida agora, em conjunto com a experiência de espectadora, que resulta a convicção de que o cinema e a televisão, nas representações culturais que fazem da realidade, têm uma capacidade única de chegar aos indivíduos e, dessa maneira, permitem entender a forma como eles sentem, pensam e, mais tarde, agem em relação a determinados assuntos. Isto dá aos investigadores a hipótese de perscrutar como se constroem determinadas ideias, conceitos e estereótipos

baseados nestas representações, ou seja, nesta “falsidade” fundada no real, que por vezes o exagera, o distorce, mas ao mesmo tempo o reflecte.

Por outro lado, foi precisamente a oportunidade de empreender um estudo inédito, no âmbito da psiquiatria cultural portuguesa, uma das principais motivações subjacentes não só à escolha do tema, como também à forma de o analisar. Isto é, estava-se perante um objecto de estudo e de uma metodologia inteiramente novos e que, independentemente das suas referências e remissões, ainda não tinham sido abordados.

A esta vertente junta-se um apanhado da história cultural da masturbação, necessário à compreensão da forma como esta tem sido vista ao longo do tempo e importante também como pano de fundo à análise que vai ser feita no momento seguinte do trabalho.

Este trabalho divide-se, portanto, em dois grandes blocos:

1. Resumo histórico sobre a forma como a masturbação foi encarada ao longo do tempo, a partir de várias fontes e de vários autores que se dedicaram ao assunto;
2. Descrição e análise de vários produtos audiovisuais de televisão e de cinema das últimas décadas; e, com mais detalhe, de dois filmes relativamente recentes, um de produção norte-americana, outro de produção nacional. A saber, *Beleza Americana* (1999), de Sam Mendes; e *Aquele Querido Mês de Agosto* (2008), de Miguel Gomes.

De uma forma resumida, pode então dizer-se que esta investigação assenta na análise qualitativa e no comentário crítico aos conteúdos visuais e discursivos de filmes e séries de televisão com representações de masturbação.

O resultado não é uma análise exaustiva da história cultural da masturbação e de todas as representações cinematográficas e televisivas, mas sim o levantar do véu sobre vários temas que se cruzam e das complexas relações que mantêm entre si, e que à primeira vista não se manifestam.

A Masturbação Humana em Perspectiva Histórica

Das duas espécies de chimpanzé existentes, chimpanzé comum (*Pan Troglodytes*) e bonobo (*Pan paniscus*), esta última apresenta uma característica curiosa: uma total falta de inibição sexual, parecendo estar constantemente envolvida numa variedade de actos sexuais que são também conhecidos nos humanos, como é o caso da masturbação. Sendo os chimpanzés os parentes mais próximos dos humanos, partilhando com eles os seus antepassados e cerca de 98.4% do ADN, a presença de masturbação nos chimpanzés bonobo parece providenciar alguma informação de que a masturbação foi praticada desde o surgir da humanidade.

A arte rupestre, que contém as mais antigas representações pictóricas feitas pelos humanos em tectos e paredes de cavernas, e também em locais ao ar livre, fornece de igual forma algumas pistas. Entre os temas recorrentes fixados nestas pinturas em diferentes locais do mundo, encontram-se animais selvagens como, por exemplo, bisontes, cavalos e cervos, entre outros; mas também palmas das mãos e, com menos frequência, a figura humana sugerindo actividades de caça e de dança, ou ainda figuras masculinas a executar o que parecem ser actos de masturbação.

Datada de há cerca de quatro mil anos, foi encontrada na ilha de Malta, num lugar sagrado designado por Hagar Qim, uma estatueta em barro que representa uma mulher a realizar actos de masturbação. No Mundo Antigo é, no entanto, mais frequente encontrar representações masculinas. Contemporânea a essa imagem, foi descoberta uma outra, na Grécia, que representava uma figura masculina a masturbar-se.

Em conjunto com as representações referidas que sugerem a presença desta prática na vida quotidiana, a masturbação faz também parte de mitos fundadores de vários povos. Entre os Sumérios, considerados a mais antiga civilização da humanidade e criadores da primeira língua ocidental, encontra-se uma das ideias mais antigas sobre a masturbação. Na cidade suméria de Eridu, a sul do que se conhece hoje como Iraque, foi encontrada literatura que celebra Enki, deus mesopotâmio das águas doces (rios, canais e da chuva) mas também das águas subterrâneas (equivalente ao caos primordial de outras culturas antigas). Enki era considerado o grande benfeitor da humanidade, aquele que determinava os destinos e que organizava o Universo. Enki ter-se-á masturbado e enchido o Rio Tigre com água corrente. Porque a Suméria era (e o Iraque ainda é) uma região árida entre o Rio Tigre e o Rio Eufrates, sem a irrigação dos quais a vida era

impossível, quem quer que desse vida a estes dois rios era considerado a própria vida (Friedman, 2001).

A masturbação masculina adquiria uma grande importância na cosmologia do Antigo Egito. Quando praticada por um deus era celebrada como um acto mágico; quando praticada por mortais, era geralmente condenada. De acordo com um dos seus principais mitos fundadores, Atum, o Deus Sol, considerado o primeiro deus que existiu, terá criado a partir do seu sémen e tendo como parceira divina a sua mão, o deus Shu e a deusa Tefnut que se tornaram os pais de todos os elementos do mundo. Numa visão alternativa, associada à natureza hermafrodita deste deus (o seu nome significa “completo”), Atum terá ejaculado para dentro da sua própria boca, num acto de *auto-fellatio* e criado o primeiro par de almas a partir de muco, através da tosse.

Uma outra referência dá conta de que o deus Ptah, arquitecto do Universo, mantinha a ordem cósmica através de um acto de masturbação contínua. A inundação anual do Nilo, da qual o Egito dependia, também se julgava ser devida às secreções do deus Hapy. Min, o deus da potência masculina, era sempre representado com uma erecção aparatosa segura na sua própria mão. Durante o Festival Anual de devoção a este deus, os homens dedicavam-se a actos públicos de masturbação que, fora dessa circunstância, não seriam tolerados. O deus Osíris, Rei dos Mortos e Senhor da Eternidade, ressuscitou-se através de um acto de masturbação sagrada, uma associação à regeneração cíclica e à sazonalidade e concebeu o seu filho Horus, deus dos vivos e Falcão da Luz, da mesma maneira. Numa outra sequência mítica, a deusa Isis condena o seu irmão Set e o seu filho Horus por se dedicarem a masturbação mútua. Como castigo, decepa Horus para logo de seguida voltar a ligar a mão dele ao corpo e ela própria “masturba-o” para lhe restaurar todas as funções. Isto tipifica as atitudes contraditórias dos Egípcios: a masturbação podia ser considerada um acto criativo ou um desperdício de potencial criativo.

Os termos egípcios que descrevem o acto estão ligados à palavra *netchen*, que significa prazer, assim como *tata*, que significa poluição ou definhamento. Portanto, numa mesma cultura, e que declaradamente amava o prazer, a atitude perante a masturbação dependia inteiramente do contexto.

Um mito Hindu da Índia descrevia o deus fálico Shiva como sendo masturbado por Agni, o deus do fogo, que engoliu o seu sémen. Assim deu origem a Skanda, o deus da beleza masculina.

Um outro mito relacionado com o mesmo deus diz que Shiva foi masturbado e quando o seu sémen caiu acidentalmente no Ganges, o misógino deus da Guerra Kartikeh nasceu. Os Hindus, tal como os Budistas, ligavam o prazer sexual à geração do *chi* ou força de vida. Acreditava-se que a masturbação prolongada sem ejaculação melhorava a saúde e, simultaneamente, o bem-estar; a ejaculação frequente, pelo contrário, era considerada um desperdício desse precioso *chi*.

Segundo a mitologia grega, foi Hermes quem inventou a masturbação. Mensageiro ou intérprete da vontade dos deuses, era um dos doze do Olimpo, filhos de Zeus e de Maia. Ensinou esta prática ao seu filho Pã, deus dos bosques e protector dos pastores, que amava a ninfa Eco, mas que não conseguia seduzir. A partir daí, Pã aprendeu realizar ele próprio a prática e ensinou esse prazer aos pastores que protegia.

Os Gregos tinham uma atitude diferente dos Egípcios em relação à masturbação, encarando este acto como um substituto saudável de outras formas de prazer sexual, uma válvula de escape contra uma frustração sexual destrutiva. Numerosas cerâmicas pintadas representam a masturbação masculina como uma prática regular na vida diária, sem que represente algo de positivo ou negativo. A cultura grega era extremamente falocêntrica, o que significa que um pénis erecto era um objecto de veneração, tanto espiritual como do quotidiano. As mulheres não detinham uma posição elevada nesta cultura falocêntrica e androcêntrica, estando principalmente confinadas aos papéis de procriação e de maternidade. A sociedade era largamente segregada por género, passando os homens grande parte do tempo na companhia de outros homens e as mulheres junto de outras mulheres – com os Gregos a considerar a procriação e a unidade familiar de suprema importância. Toleravam a masturbação masculina na vida quotidiana apenas na medida em que não interferisse com a estabilidade da família ou com a protecção do Estado. Mas aquilo que se destaca do resto da Antiguidade é a forma como lidavam com a masturbação na arte em geral, com destaque para a forma como aparecia referida nos textos. As mulheres gregas, cuja situação social permitia amplamente que se sentissem frustradas, eram muitas vezes retratadas usando falos artificiais feitos de couro, madeira ou de marfim para auto-satisfação. A cidade de Miletus, na Ásia Menor, era conhecida como o local de origem de muitos desses artigos. Em termos de linguagem refira-se, a título de curiosidade, a neutralização de alguns termos usados para designar esta prática. A palavra grega *malaka* que significava masturbador (de uma forma pejorativa) é, nos dias de hoje, um termo equivalente a “amigo” ou “companheiro”.

Na Grécia Antiga e também na Roma Antiga, a masturbação não tinha um significado cultural ou médico específico.

Quando o Império Romano começou a dominar o mundo ocidental, iniciou-se também uma obsessão crescente pela distinção entre *virtude* e *vício*. O termo latino *masturbari* era apenas um entre cerca de meia dúzia existentes para descrever a prática. Originalmente significava apenas “esfregar através da mão” ou “agitar”, sem conexões negativas. Ao longo do tempo, no entanto, foi ganhando conotações de definhamento. Alguns autores associaram o termo à expressão *manus sinistra*, que significa mão esquerda, indicadora de falta de pureza, já que os Romanos ligavam a mão esquerda a funções de eliminação. A civilização cosmopolita de Roma mostrava em geral atitudes consistentes em relação à sexualidade, apenas uma intolerância crescente pela diversidade e uma preocupação na distinção daquilo que se situava no âmbito da virtude ou do vício.

Embora as atitudes em relação à masturbação variem muito entre os diferentes povos da antiguidade, era geralmente aceite que a prática seria por vezes necessária e, em algumas culturas, encorajada. Noutras, existiam proibições, numa visão negativa que parece ter evoluído da circunstância de se tratar de uma prática não-procriativa e solitária. Esta visão é principalmente prevalente no pensamento Judaico-Cristão antigo, em que se preconizava que a única razão para ter relações sexuais era a procriação e que qualquer coisa que interferisse com essa função era imoral. Uma outra razão para a condenação era o facto de este acto ser proporcionador de prazer.

A sexualidade em geral começou a sofrer um estigma crescente com o Cristianismo e essa circunstância afectou a forma como a masturbação passou a ser encarada. Os fundadores da Igreja Católica acreditavam que a abstinência sexual era a forma mais eficaz de atingir a clareza de alma (Dominian, 2001)

Não se pode deixar de lado a Bíblia em todo este processo de estigmatização. Mas é muito difícil responder à pergunta: o que dizem as escrituras sagradas sobre a masturbação e como a encaram? E isto porque no elenco alargado de assuntos relacionados com a sexualidade que são descritos nas escrituras sagradas – homossexualidade, bestialidade, adultério, prostituição, violação, transexualidade, incesto – não existe nenhuma referência directa e explícita à masturbação. Como referido por vários autores, entre eles Charlesworth (2002), quando se considera esta listagem de temas abordados na Bíblia, é difícil acreditar que a masturbação tenha sido deixada de fora acidentalmente. O sexo solitário era conhecido em tempos bíblicos. Tal

já ficou patente nesta resenha histórica. Não haver referências directas a esta prática humana comum e, simultaneamente, falar-se de forma tão objectiva de outras, pode levar a considerar-se que se tratava de uma prática aceite. Mas a Bíblia também não refere a pornografia e o consumo de drogas e trata-se de práticas condenadas pela maioria dos cristãos. Consequentemente, o silêncio dedicado ao assunto não prova nada, antes aumenta a dúvida.

A principal escritura citada pelos cristãos para denunciar a masturbação é o Génesis XXXVIII: 7-10, a história de Onan, filho de Judá. De acordo com o Livro de Génesis, Deus matou Er, irmão mais velho de Onan. Sob a lei judaica, era requerido a um homem que procriasse com a viúva de seu irmão. Judá pede então que Onan tenha relações sexuais com Tamar, esposa de seu irmão, para que a descendência pudesse ser considerada de Er. Pela descrição que é apresentada Onan “espalhou a semente” no chão. Por essa razão, foi também ele morto por Deus. Tratando-se embora de um caso de *coitus interruptus*, foi encarado como um juízo sobre os masturbadores, sendo ainda hoje usados os termos “onanismo” e masturbação como sinónimos.

No Novo Testamento, os argumentos cristãos mais comuns contra a masturbação são os de que criava fantasias de práticas sexuais ilícitas (Campolo, 1988). A fantasia é, na verdade, a palavra-chave nesta questão. Quando a masturbação é acompanhada de fantasias, cai claramente no âmbito da condenação de Cristo sobre o adultério mental (John, 1994). É aí que são invocadas por aqueles que condenam a masturbação, passagens como Mateus V: 27-28 que foi interpretada como sendo um episódio de um homem que olha para uma mulher de forma a sentir luxúria por ela, de a possuir e de a dominar completamente e de a usar para seu próprio prazer.

Figuras como o Apóstolo Paulo (3-66), Santo Agostinho (354-430) e S. Tomás de Aquino (1225-1274) contribuíram para o aumento das atitudes negativas em relação ao corpo humano e à sexualidade. Grande parte do pensamento da Igreja pode ser traçado até Santo Agostinho que foi o mais prolífico em produção sobre a sexualidade no início da Igreja. Agostinho via a masturbação como um pecado principalmente por não conduzir à procriação (Patton, 1985). No seguimento disso, via a “fornicação” e a “prostituição” como preferíveis. Esta circunstância levou à proibição e à condenação todas as formas de sexo que não conduzissem à reprodução. Agostinho institucionalizou o desgosto da Igreja em relação à própria união sexual, enquanto Tomás de Aquino dirigia a sua crítica principalmente à homossexualidade. Assim, a Era Cristã começou sob uma nuvem de pessimismo sexual que lançou as fundações para o pensamento que

nos chega até aos dias de hoje. Dentro da Igreja Católica, a masturbação ainda se encontra condenada ao silêncio, segredo e vergonha.

O Islamismo e o Judaísmo partilham raízes com o Cristianismo. No entanto, qualquer destas religiões lida com a masturbação de uma forma bastante diferente. Nenhuma a condena abertamente da forma como o Cristianismo o faz e cada uma mantém as suas próprias atitudes prescritas em relação ao comportamento sexual, cruzando-se apenas na sua defesa da heterossexualidade e dentro do contexto do casamento.

Por contraste com épocas anteriores, os teólogos da época medieval tinham um conceito claro da masturbação como um pecado. O período viu surgir um aumento das comunidades monásticas que desde logo estigmatizaram a masturbação masculina como uma de várias acções sexuais proibidas. A atitude anti-masturbatória da altura era tão forte que os homens eram proibidos de segurar o pénis enquanto urinavam. A castidade era vista como uma forma de liberdade dos sonhos eróticos, emissões nocturnas e até mesmo de erecções (Jordan, 2002). Nesta altura, o castigo para a masturbação era a exclusão da congregação por um período de sete anos. O Papa Gregório (590-604) defendia a visão de que o coito não era pecado, mas todo o prazer associado a ele era, uma visão que foi defendida durante muitos séculos. Mais tarde, este ponto de vista fez com que o Papa Leão IX (1002-1054) não permitisse a entrada de “masturbadores” nas ordens sagradas por serem associados ao pecado de Onan, pecado que foi condenado oficialmente em 1054. Mas a ansiedade monástica concentrava-se mais em práticas como a sodomia do que no pecado de Onan.

Os teólogos da Reforma e da Contra Reforma herdaram discursos contraditórios sobre a masturbação. A isso se juntava uma vaga de sífilis de proporções epidémicas que a Europa estava a enfrentar. A masturbação tornava-se assim uma prática comum pelo medo de contrair doenças venéreas (Patton, 1985)

Este pensamento centrado no pecado manteve-se até meados do século XVIII altura em que os cientistas se juntaram aos médicos num ataque contra aquilo que ficou conhecido como “sexo solitário” ou “auto poluição”. A guerra contra a masturbação começou formalmente por volta de 1712 com a publicação da obra *Onania; or the Heinous Sin of Self-pollution, and its Frightful Consequences in both SEXES Consider'd, with Spiritual and Physical Advice to those who have already injured themselves by this abominable practice. And seasonable Admonition to the Youth of the nation of Both SEXES...* Este livro publicado, de forma anónima e distribuído gratuitamente é atribuído por Thomas Laqueur (2003) a John Marten, um médico charlatão que já havia sido responsável por folhetos daquilo que aquele autor considerou de pornografia barata. O

trabalho argumentava os perigos do sexo solitário alertando que o onanismo “destrói a afeição conjugal, perverte as inclinações naturais e tende a extinguir a esperança de posteridade”³. Isto significava para o autor que os masturbadores (referindo-se a indivíduos do sexo masculino) perdiam o interesse sexual nas suas esposas, falhando no grande projecto que era a propagação da espécie. Alega o autor que a “auto poluição” era não só uma ameaça à reprodução, mas também fazia com que os onanistas sofressem efeitos nefastos na sua saúde, recorrendo à ciência para defender a sua causa. O autor recorria também à Bíblia argumentando que as escrituras sagradas no que respeita à sodomia se aplicavam à masturbação. Enquanto que a sodomia estava condenada à pena capital e isso suprimia a sua existência, a ausência de proibições legais contra a masturbação levava aqueles que a praticavam a imaginar que nenhum mal cairia sobre eles. As consequências referidas eram, na verdade, muito graves: cegueira, insanidade, paragens no crescimento e, caso não cessassem a actividade, a morte.

A primeira edição incluía o diagnóstico do problema, mas também o seu tratamento: uma “Tintura Fortificante” (Strengthening Tincture) e um “Pó Prolífico” (Prolific Powder), preconizados como remédio para todos os males relacionados com o onanismo combinados, claro está, com a abstinência sexual. O livro vendeu em grande número, tendo sido feitas várias edições. Em 1724 foi publicada (pelo menos) uma edição nos Estados Unidos da América. No que aos medicamentos anunciados diz respeito, não se sabe quantos terão sido efectivamente vendidos. Teve tal eficácia que convencia aqueles que praticavam este acto a redimir-se. As edições subsequentes foram ficando cada vez maiores, sendo muitas páginas ocupadas por testemunhos de indivíduos que alegavam terem sido ajudados por este livro. Era também dado lugar à defesa do autor contra críticas. Uma delas a de que estar a falar do vício do onanismo era, na verdade, encorajá-lo. Os inocentes estavam a ser corrompidos ao serem ensinados sobre este vício, do qual talvez não soubessem antes de ler *Onania* e as descrições bastante explícitas que continha do acto. Em defesa, o autor usou o argumento de que a intenção do trabalho era “promover a Virtude e Pureza Cristãs”⁴ e que para tal era necessária conversa directa. Se o autor considerasse que o assunto era demasiado sexual, utilizava o latim académico para o designar ou descrever, uma linguagem que o não profissional estaria impedido de compreender. Na verdade, arrisca-se aqui dizer que quando, nos começos do século XVIII, os médicos começaram

³ “destroys conjugal affection , perverts natural inclination and tends to extinguish hope of posterity.” citado em Katz (1983).

⁴ “promote Virtue and Christian Purity” citado em Katz (1983).

uma verdadeira cruzada contra a masturbação, a população em geral não saberia sequer o que queria dizer a palavra.

Onania não foi o primeiro livro a falar dos perigos do "onanismo". Em 1670, o médico alemão Etmüller escreveu que a *manstuprationem* podia ser a causa para a gonorreia e em 1708 Herman Boerhave alertou que a perda excessiva de qualquer fluído corporal, quer se tratasse de sangue, sémen ou suor, podia causar problemas de saúde. O médico inglês Edward Baynard conjecturava que a masturbação causava impotência. Nenhum, no entanto, causou o impacto de *Onania*, transformando o onanismo num problema médico sério que marcou o início de uma nova era. Com esta obra a masturbação “passou do horizonte moral distante para a primeira linha ética”⁵ (Laqueur, 2003: 18) numa avalanche moral e médica que ganhava força à medida que o século progredia. Os médicos, embora apoiados até então em argumentos religiosos, puseram-nos de lado dando ênfase a questões do foro da saúde, alargando a lista de consequências deste acto na saúde de quem o praticava (Haeberle *et al*, 2006).

Em 1758 Samuel-Auguste Tissot, médico suíço, publica o trabalho *Treatise upon the Disorders Produced by Onanism*, traduzido em quase todas as línguas. Observou que o corpo se “enchia de sangue” durante e depois das relações sexuais (que sabemos hoje se deve à circulação periférica). Dadas as suas visões religiosas, racionalizou que todos os comportamentos sexuais eram potencialmente perigosos porque provocavam um fluxo rápido de sangue para o cérebro o que o impedia de “alimentar” os nervos, deixando um indivíduo vulnerável à insanidade. Reconhecia que algum sexo era necessário à reprodução, mas ensinava que o sexo solitário era a prática mais perigosa de todas porque conduziria inevitavelmente à ejaculação excessiva e consequente perda de sémen. Ensinava também que o “masturbador” estava em grande perigo porque entendia que estava a cometer um pecado e isso deixava o seu sistema numa situação ainda mais precária (Haeberle *et al*, 2006)

Por ser uma figura respeitada, as visões de Tissot foram largamente aceites, embora alguns médicos da altura tenham apontado que ele estava a usar as suas práticas médicas para dar espaço às suas convicções morais. Os seus pontos de vista espalharam-se pela Europa e foram finalmente abraçados nos Estados Unidos por Benjamin Rush, um dos signatários da Declaração da Independência e uma figura influente da medicina americana. As visões que Tissot e Rush propagaram-se e ganharam o nome de “era da insanidade masturbatória”. Tissot mostrou no seu trabalho o que Rousseau havia

⁵ “distant moral horizon to the ethical foreground”

acabado de publicar em *Émile*, considerado um dos textos canónicos do Iluminismo. Rousseau e Tissot foram dois dos porta-estandartes desta batalha.

A teoria da perda dos fluidos traz reminiscências da teoria dos humores de Hipócrates e Galeno. Um factor que não deixa de ser curioso é a explicação que Tissot dá para diferenciar por exemplo a “fornicação” da “masturbação”. Tendo em conta que qualquer uma destas actividades, como quaisquer esforços físicos, poderiam provocar perdas, não se entende o porquê do reforço apenas na questão da masturbação. De acordo com Tissot, não se trata da mesma situação. A sua explicação para esta anomalia era baseada numa variação da “teoria da força dos nervos”. Sugere que a transpiração de um indivíduo saudável dá força a quem a inspira. Durante o coito há uma troca de transpiração em que um parceiro inspira a do outro, havendo benefício recíproco. Assim, o acto pouco natural da masturbação resulta numa perda enquanto que a relação sexual resulta numa estranha forma de equilíbrio (Wong, 2002). No século XIX, cerca de cem anos depois da publicação do trabalho de Tissot, alguns médicos tanto na Europa como nos Estados Unidos continuavam a empregar esta teoria.

O século XIX caracterizou-se pelo alastramento da prática da prostituição, da emergência de literatura de cariz sexual explícito, da epidemia da histeria e de um pânico alastrado em relação à masturbação. O modelo médico desenvolvido no século XIX caracterizava como doença aspectos da sexualidade como a homossexualidade, nudismo, contraceção e a masturbação. Desde a época medieval até ao século XIX evoluíram novas distorções tanto na religião como da ciência de tal forma a masturbação passou a ser encarada como a causadora de dois terços de todas as doenças, tais como problemas de visão, audição, epilepsia, mas especialmente as do foro mental, incluindo insanidade, a neurose e a neurastenia, entre outras. De facto, 60% de todas as doenças mentais e físicas eram atribuídas à masturbação (Geller *et al*, 1980). A isto se junta a prevalência, até meados do século XX, de um modelo sexual reprodutivo em que o coito para fins procriativos se tornou um paradigma de “actividade sexual normal”. Todos os comportamentos sexuais que se afastassem desse objectivo reprodutivo eram considerados anormais face à medicina.

Michel Foucault, filósofo francês que se debruçou amplamente sobre a história da sexualidade e sobre questões de poder, salientou que no século XVIII a Igreja Católica foi perdendo terreno para o saber médico. Depois disso, o corpo humano passou a ser objecto de novas técnicas de controlo, que além de culpabilizar aqueles que manipulavam os próprios genitais por prazer, ainda os ameaçava com os mais terríveis prognósticos a respeito da sua saúde física e mental.

O medo da masturbação em todo o mundo fez com que fossem levadas a efeito medidas extremas de prevenção, incluindo o uso de restrições, cirurgia genital e disciplina física (Geller *et al*, 1980). Neste século foi também desenvolvida uma série de métodos e engenhos que eram empregues numa tentativa de impedir forçadamente a masturbação. Entre essas práticas estava a circuncisão feminina ou a remoção do clítoris para evitar que as mulheres tivessem orgasmos. Entre 1856 e 1932, o Gabinete de Patentes dos Estados Unidos aprovou trinta e três patentes para engenhos anti-masturbação. Estes aparelhos, que se podem considerar de tortura, foram desenvolvidos por médicos e moralistas e eram desenhados para impedir que o indivíduo ficasse excitado e, por consequência, se masturbasse. Havia até recomendações para que as calças dos rapazes fossem reconstruídas de maneira a que não conseguissem tocar no pénis através do bolso. O magnata dos cereais John Harvey Kellogg declarou que o sexo para qualquer coisa que não fosse a reprodução era um excesso sexual. Em conjunto com outros começou a advogar a circuncisão masculina como impedimento para a masturbação e, convencido de que os impulsos sexuais eram resultado de falhas de dieta, criou os conhecidos *Corn Flakes*. Sylvester Graham, um padre presbiterano que se interessava muito por fisiologia e nutrição, e que contribuiu de forma muito forte para uma reforma na dieta da altura, era defensor da introdução da farinha de trigo integral na alimentação (em detrimento da farinha branca processada) como forma de reduzir o desejo sexual da população, principalmente dos jovens (Fulbright, 2003). No seguimento das teorias que defendia, criou as bolachas *Graham Crackers* com o objectivo de fazer desaparecer os impulsos masturbatórios dos rapazes e raparigas do século XIX.

Com a parte final do século XIX veio um maior entendimento da sexualidade humana, tanto a nível biológico como a nível psicológico, a que não foi alheio, naturalmente, o trabalho de Sigmund Freud e de outros investigadores. Sobre Freud já foi dito que fez com que terminassem dois mil anos de suspeição cristã sobre a sexualidade. Com o trabalho deste investigador deixa de haver condenação da masturbação desde que se pertença a uma determinada faixa etária (se se fosse uma criança, por exemplo); caso contrário, a culpa por se masturbar poderia causar um número de outros problemas (Stengers & Van Neck, 2001).

Vern L. Bullough (2005) dá conta das discussões do Círculo Psicanalítico de Viena, organizadas por Freud. Em 1910, o grupo teve um longo debate sobre “onanismo”. A primeira discussão demorou três noites e resultou em tanto desentendimento que o grupo se recusou a publicar os seus resultados. O grupo regressou a este tema anos depois e, embora tivessem concordado que a masturbação era representativa do conflito

entre instinto e repressão, concordaram também que se tratava de um assunto infundável. Wilhelm Stekel, colega de Freud e participante nestas reuniões, examinava e ilustrava com estudos de caso a relação entre a masturbação e a neurose, manifestações inconscientes ou crípticas da masturbação, a psicogénese da consciência pesada e a ligação entre a masturbação e a religião. Stekel acreditava que toda a gente se masturbava embora pudesse nem sempre ser consciente disso, acreditava também que a masturbação não era a causa da neurose, como era crença corrente na altura, e que devia a sua importância psíquica às fantasias específicas que a acompanhavam. Se e quando alguém deixava de se masturbar, a própria vontade de viver era afastada. Chegou a ir tão longe que afirmou que os riscos mentais e físicos da masturbação apenas existiam na imaginação de médicos ignorantes (Bullough, 2005). Acreditava que quanto mais altos fossem os requisitos éticos da nossa sociedade e quanto mais refinada ficasse a vida amorosa, maior seria a necessidade de masturbação. As suas opiniões encontraram muita oposição no Círculo de Viena, o que lhe confere importância demarcando-se como voz dissonante.

O final do século XIX fica também marcado pela introdução do vibrador electromecânico para tratar a histeria em mulheres. Pensava-se que esta condição clínica estava relacionada com excesso de tensão sexual, e o tratamento previsto era providenciar uma massagem na vulva até que a mulher sentisse uma “sensação de libertação”. Os vibradores electromecânicos ofereciam um meio rápido e eficaz para “tratar” os sintomas mas quando começaram a ser protagonistas de pequenas produções pornográficas, deixaram de cair em graça no âmbito da medicina, encontrando um lugar de destaque noutras esferas (Laqueur, 2004).

O século XX ficou marcado por fortes mudanças dentro da comunidade médica. Os cientistas começaram a interrogar-se se a masturbação era ou não independente das várias doenças psiquiátricas às quais estava ligada. Durante os anos 1950 e 1960, com o surgimento de uma maior discussão sobre o sexo e a sexualidade e uma diminuição nas atitudes conservadoras, em conjunto com um aumento na pesquisa médica sobre o tópico da masturbação, essa ideia começou a dissipar-se. Existia, no entanto, pouca e má informação sobre o assunto. Em 1945, o *Manual dos Escuteiros* alertava para os males da masturbação e, até 1940, um candidato à Academia Naval dos Estados Unidos poderia ser recusado se fosse descoberto que se masturbava. No mesmo ano, um livro de pediatria intitulado *Diseases of Infancy and Childhood* proclamava que a masturbação era uma prática lesiva.

Começando com o *Relatório Kinsey* de 1948, a masturbação foi desmistificada e até se descobriu ser benéfica. Kinsey espantou o mundo ocidental com os seus estudos estatísticos, assinalando que cerca de 92% dos homens se tinham masturbado até ao orgasmo, mas sentia que este número era uma estimativa por baixo. A publicação dos seus dois estudos sobre o comportamento sexual, *Sexual Behavior in the Human Male*, publicado em 1948 e *Sexual Behavior in the Human Female*, publicado em 1953 mudaram para sempre a forma como a sexualidade e a masturbação passaram a ser encaradas e faladas na cultura popular. A velha piada “98% das pessoas masturba-se e os outros 2% são mentirosos” originou-se com estas publicações que mostraram que se tratava provavelmente do comportamento sexual mais comum. Masters e Johnson revelaram em 1966 que a prática era generalizada na América do Norte, atravessando todas as fronteiras de sexo, idade, classe social e proveniência geográfica. Em 1971, Goldstein, Haeberle e McBride determinaram que a masturbação era a forma mais comum de actividade sexual entre os humanos.

Na era actual a equação parece, então, ter-se invertido. A revolução sexual das décadas de 1960 e 1970 libertou a masturbação das restrições do Iluminismo. Para as mulheres a masturbação tornou-se um acto de revolução contra o patriarcado “uma forma de reclamar o *self* dos mecanismos reguladores de qualquer sociedade civil”⁶ (Laqueur, 2004: 77) tendo sido a elas que coube tornar a masturbação parte de um relatório de uma sexualidade revolucionária. Em 1974, Betty Dodson, chamada por muitos de a “Avó da Masturbação”, publicou o livro *Liberating Masturbation: a Meditation on Self Love*. O livro, que mais tarde foi aumentado e lançado como *Sex for One* foi possivelmente a primeira e, sem dúvida, uma das mais significativas obras para a masturbação feminina. Dodson considerava a masturbação - “dar prazer a nós mesmas sob as nossas condições” -, um acto radical, mas também um acto de amor profundo que podia transformar a vida das mulheres. Através dos seus *workshops*, vídeos, livros e conferências, Dodson continua a ser uma das grandes activistas e defensoras das virtudes do “auto-amor”. Em 1977, Joani Black encontrava-se incomodada com o facto de não haver na Baía de São Francisco qualquer lugar para comprar livros relacionados com sexo ou “brinquedos sexuais” sem se sentir desconfortável. Havia escrito dois livros de educação sexual e, ao procurar um local para a distribuição e venda desses trabalhos, de forma a oferecer uma alternativa às habituais livrarias de adultos, abriu a loja *Good Vibrations*. A loja estabeleceu as bases para o modelo de estabelecimento comercial bem iluminado e limpa aonde os clientes se dirigem sem embaraço, fundado

⁶ “a way of reclaiming the self from the regulatory mechanisms of any civil society”

também em noções de que vender este tipo de artigos era um acto político que podia promover uma sexualidade saudável. No mesmo ano chega às salas de cinema *Annie Hall* de Woody Allen e a célebre frase “Hey, não digas mal da masturbação, é sexo com alguém que eu amo!”⁷ A isto podemos acrescentar quase toda a sua obra cinematográfica e as suas visões sobre a masturbação.

Por contraste, em 1975, o Papa Paulo VI afirmou, sem hesitações, que a masturbação era uma desordem séria e esta permanece ainda política oficial da Igreja.

Em 6 de Agosto de 2006, a cidade de Londres recebeu a sua primeira “masturbate-athon”, ou seja, uma maratona de masturbação. Tratou-se de um evento colectivo em que centenas de indivíduos, homens e mulheres, realizaram actos de masturbação, para fins de beneficência, mais precisamente com receitas a reverterem a favor de instituições de saúde sexual e reprodutiva. O evento tinha também como principais objectivos sensibilizar para os tabus que persistem e, ao mesmo tempo, ajudar a combater, a vergonha em relação a esta forma de actividade sexual.

A ideia radica em 1995, em São Francisco, na loja *Good Vibrations*, no âmbito do Mês Nacional da Masturbação (Maio) que aí foi fundado nesse ano e que se repete anualmente desde essa altura. Foi também aí que decorreu a primeira “Masturbatona”, com os propósitos anteriormente referidos.

O início do século XXI fica marcado pelo aparecimento de *sites* na internet dedicados especificamente à masturbação, à sua prática, a fantasias ligadas a ela e a imagens explícitas do acto e do momento do orgasmo.

Beautiful Agony - Facettes de la Petite Mort (<http://www.beautifulagony.com>) é um *site* erótico de conteúdos pagos criados em 2003, que disponibiliza a assinantes vídeos carregados por participantes (homens e mulheres) a terem orgasmos e a falarem das suas fantasias. Os vídeos centram-se na cara dos participantes, não providenciando qualquer descrição, visual ou outra, da técnica usada no acto, nem mostrando o seu corpo. Em 2005 surge *I Feel Myself* (<http://nl.ifeelmyself.com>), um outro *site* na mesma linha que o anterior mas bastante mais explícito, que se dedica a fazer “representações reais, naturais e éticas do auto-prazer feminino”⁸

Por mais que seja evidente a mudança nas atitudes e crenças perante a masturbação, há algumas semelhanças e paralelos entre as ansiedades do século XVIII, a “era dourada do pânico moral sobre a masturbação” e aquelas que continuam a existir em anos mais recentes.

⁷ “hey, dont knock masturbation. It’s sex with someone I love.”

⁸ (“making real, natural, and ethical representations off emale self-pleasures”)

Para referir exemplos próximos, para além da reactividade ao já referido estudo de Patrícia Brancal “Vivências Sexuais dos Jovens da Beira Interior”, podem-se salientar três casos recentes, um deles no âmbito de uma produção televisiva.

Em 2006, a telenovela brasileira *Páginas da Vida* da autoria de Manoel Carlos e realizada por Jayme Monjardim, gerou algumas polémicas devido ao seu conteúdo sexual. No final de cada capítulo eram mostrados depoimentos de indivíduos comuns sobre episódios da sua vida. A principal celeuma resultou de um depoimento dado por Nelly dos Santos, de 68 anos, ama de crianças que admitiu em frente às câmaras que tinha atingido o orgasmo pela primeira vez aos 45 anos, após ter realizado actos masturbatórios ao som da música “Concavo e Convexo” de Roberto Carlos. O resultado foi o despedimento de Nelly, que por essa razão ameaçou processar a Rede Globo e, naturalmente, uma grande quantidade de publicidade.

Sexo sem tabu é a designação de um manual de educação sexual para crianças e adolescentes, lançado oficialmente pelo governo da Catalunha, em Espanha, em 2008.

O folheto, com texto e ilustrações, aborda em linguagem simples vários aspectos da sexualidade, passando pelas mudanças corporais que decorrem na adolescência, a homossexualidade e a masturbação em menores de 16 anos.

A sua divulgação e utilização em salas de aulas levou algumas associações de pais a manifestarem-se e, na sequência de uma reunião dedicada ao assunto, a enviarem um manifesto ao Secretário de Educação da Catalunha, Ernest Maragall. Nesse documento, os pais exigiam a retirada do manual por considerarem que o texto era ausente de valores e de noções de família. Debruçava-se apenas sobre sexo. A Secretaria da Educação optou por manter os manuais em utilização, argumentando que tinham sido feitos por especialistas na temática especialmente para educar os jovens sobre questões importantes do seu desenvolvimento.

Cerca de um ano depois o Conselho da Juventude da Extremadura e o Instituto da Mulher da Extremadura apresentaram uma campanha sobre sexualidade e afectividade dirigida a jovens entre os 14 e os 17 anos intitulada “O Prazer está nas tuas Mãos” com o intuito de esclarecer as suas dúvidas com a maior naturalidade possível a partir, entre outras iniciativas, de *workshops*.

Para esta campanha, foram elaborados manuais onde constam as principais dúvidas dos jovens nesta matéria, assim como os seus interesses, ilustrações do corpo masculino e feminino e uma descrição dos diferentes brinquedos sexuais que existem, devidamente acompanhados de respostas

Entre os diversos materiais lúdico-pedagógicos preparados no âmbito desta campanha encontrava-se um novo curso escolar que ensinava masturbação a jovens daquela faixa etária. As aulas eram facultativas nas escolas de segundo grau da província com conteúdos que abrangiam as áreas de anatomia e de fisiologia sexual feminina e masculina e diversas técnicas de masturbação, com ou sem o uso de objectos eróticos. A existência deste curso levantou também grande polémica por grupos de pais e alunos que não pretendiam que estes conteúdos fossem abordados.

A masturbação no cinema e televisão recentes

Após ter sido feito este percurso histórico, vai-se agora tentar descobrir quais são as representações da masturbação na sociedade contemporânea. Para isso, a melhor maneira é descobrir de que forma é que esta prática é representada nos filmes e na televisão contemporâneas.

Aqui chegados, existe uma outra questão que se levanta: por que razão estudar o cinema e a televisão num trabalho de psiquiatria cultural?

A análise das representações da masturbação no cinema e na televisão é de grande pertinência para várias áreas do saber, nomeadamente para a prática clínica, uma vez que estes dois *media* podem ser considerados poderosos mediadores da experiência social e da realidade cultural, através dos quais se criam e se solidificam, por exemplo, noções de identidade. Constituem neste sentido uma interessante arena da construção social de *self* e de “outro”, daquilo que é considerado desviante ou não, marginal ou normal.

A melhor e mais eficaz resposta à pertinência do estudo dos audiovisuais, nomeadamente do cinema, pode ser encontrada num exemplo dado por Charles U. Larson no seu livro *Persuasion: Reception and Responsibility* (2007), quando coloca a questão nos seguintes termos: suponha que daqui a cerca de 5000 anos um antropólogo cultural encontra uma colecção de filmes da última década do século XX. O mais certo é que consiga arranjar uma forma de os visionar, tecnologicamente falando, que proceda a uma avaliação sobre a vida das pessoas a partir deles, e que daí tire as suas ilações sobre aquilo que faziam, aquilo em que acreditavam e que tipo de valores tinham na altura. Isto porque os *mass media*, particularmente o cinema e a televisão, têm a capacidade de servir como um conjunto de textos que iluminam sobre a nossa cultura, tal como os textos escritos antigos o fizeram vários séculos antes. Também Harold Lasswell, no seu texto *The Structure and Function of Communication in Society* (1960: 125) destacou que “os valores próprios de uma sociedade são de facto reformulados e transmitidos pelos *media* de forma a constituírem-se como uma verdadeira ideologia”. Estas afirmações fazem alusão a aspectos importantes relacionados com o papel dos *mass media* como meios que espelham a nossa sociedade mas também a moldam, ou seja, detêm um papel na formação de atitudes e de opiniões, e têm uma função como aquilo a que podemos chamar de agentes socializadores.

No que ao cinema e à televisão diz respeito, não é descabido dizer que são os *mass media* mais importantes no quotidiano dos portugueses se considerarmos a população de

uma forma transversal. A *internet* ganha um peso cada vez maior nesta equação, especialmente em camadas etárias mais jovens. No entanto, em termos genéricos, o número de indivíduos a quem a *internet* chega a nível doméstico é bastante inferior ao que tem acesso aos dois media sobre os quais se debruça este trabalho.

Um estudo recente levado a efeito pela Marktest⁹ e divulgado na edição de 27 de Janeiro de 2010 do *Jornal i* revelou que cada português viu em média três horas e meia de televisão por dia no ano de 2009. Os indivíduos pertencentes à classe social mais baixa, ou seja, aqueles para quem muito provavelmente a televisão é a única fonte de informação, foram os que mais tempo passaram em frente ao ecrã.

Em Novembro deste ano foi tornado público um estudo da responsabilidade da Marktest, em parceria com a Bareme Cinema, que contabilizou 525 mil espectadores assíduos de cinema em Portugal, que dizem frequentar as salas de sétima arte pelo menos uma vez por semana. Os resultados deste estudo baseiam-se em dados relativos ao período compreendido entre Outubro de 2009 e Outubro de 2010.

O mainstream

Os serviços e produtos culturais americanos dominam o mercado cultural global. Esta posição de liderança dos Estados Unidos da América resulta de um factor simples: promovem e vendem produtos culturais que exercem atracção em todo o mundo porque são universais e exportáveis, já que se trata de uma nação que fala inglês (que continua o seu movimento de conquista do lugar de língua universal) e que é rica em termos culturais (como resultado da emigração).

Esta e outras conclusões emergem de um estudo levado a efeito por Frédéric Martel, intitulado *Mainstream, Enquête sur cette culture qui plaît à tout le monde*, ou seja, inquérito sobre uma cultura que agrada ao mundo inteiro. Frédéric Martel, jornalista e sociólogo francês, passou cinco anos em viagem por cerca de três dezenas de países e entrevistou 1250 pessoas com o objectivo de fazer um relatório sobre o estado da cultura de *mass media*, da americanização de muitos filmes, música e formatos televisivos em todo o mundo e de identificar tentativas locais, regionais, nacionais e internacionais de resistência a essa influência.

Determinou que a força dos Estados Unidos neste âmbito, confere-lhe a capacidade de influenciar outras culturas e sociedades, o que habitualmente tem o nome de “soft

⁹ A Marktest é uma empresa de market research e medição de audiências de media do Grupo Marktest. Criada em 1980, desenvolve estudos de mercado regulares para os sectores das telecomunicações, da banca, dos seguros e dagrande distribuição, fornecendo ainda as métricas standard de mercado para a audiência de meios (imprensa, rádio e internet).

power”, ou poder suave. A combinação de um poder militar e económico superior com a influência cultural que exerce colocam o país numa posição vantajosa única que envolve mais do que impor a outros países filmes, música e formatos televisivos americanos. Compreende, de igual modo, uma procura contínua pela multiplicação e alargamento dos mercados e uma constante criação de um desejo global por produtos americanos. O processo não destrói as culturas nacionais, mas deixa pouco espaço para que outros países possam competir com os seus próprios bens e serviços culturais.

Torna-se necessário explicar esta circunstância para entender a razão por que foram feitas as escolhas que se apresentam de seguida para analisar as representações contemporâneas da masturbação. Os produtos audiovisuais seleccionados são, regra geral, de produção norte-americana, uma vez que são os mais vistos em Portugal (em termos quantitativos) e concomitantemente aqueles que exercem mais influência sobre os espectadores. Tal é possível constatar facilmente pelo número de filmes americanos em cartaz nos últimos anos, assim como pela quantidade de séries televisivas da mesma nacionalidade que constam na programação dos quatro principais canais de televisão de sinal aberto, para além das que estão disponíveis nos restantes canais.

A masturbação no (grande e pequeno) ecrã

Depois de ser em grande medida negligenciada, a masturbação está a ser trazida gradualmente para a esfera pública através da publicação de trabalhos de envergadura sobre o tema e, principalmente, através de referências que, de várias formas, a evocam em filmes e séries de televisão.

Como a selecção seguinte mostra, entre muitas outras, a masturbação é agora largamente retratada. O vencedor de vários Óscares *Beleza Americana* (Sam Mendes, EUA, 1999), o sucesso de crítica *Felicidade* (Todd Solondz, EUA, 1998), *Pleasantville* (Gary Ross, EUA, 2001) e *Secretária* (Steven Shamberg), USA, 2000), e os sucessos de bilheteira *Doidos por Mary* (Bobby e Peter Farelly, EUA, 1998) e *American Pie – a Primeira Vez* (Paul Weitz, EUA, 1999) todos contêm representações explícitas de masturbação – explícitas não no sentido estrito, proto-médico da pornografia, mas explícito no sentido em que (dentro dos sistemas de censura) o acto é simulado em vez de meramente inferido, implícito ou sugerido, e explícito no sentido em que as cenas explicam momentos narrativos essenciais¹⁰. (Tuck, 2007: 169)

De seguida, vão ser apresentados alguns exemplos da sua presença em filmes e séries de televisão. Os produtos audiovisuais seleccionados são referenciados por data e realizador (quando se justifica), mas não é feito qualquer tipo de análise de acordo com a evolução que se tem verificado ao longo do tempo, nem se existem determinadas imagens específicas associadas a determinadas épocas.

Contudo, poder-se-á inferir a partir do que foi analisado que a mensagem passada sobre a masturbação se está a alterar e que tem vindo a ser cada vez mais integrada num contexto humorístico e também da representação da vida quotidiana dos indivíduos.

¹⁰ As the following selection from amongst many demonstrates, masturbation is now widely portrayed. The multiple Oscar winner *America Beauty* (Sam Mendes, USA, 1999), the critical success *Happiness* (Todd Solondz, USA, 1998), *Pleasantville* (Gary Ross, USA, 2001) and *Secretary* (Steven Shamberg, USA 2000), and the box office hits *There's Something About Mary* (Bobby and Peter Farelly, USA, 1998), and *American Pie* (Paul Weitz, USA, 1999), all contain explicit representations of masturbation - explicit not in the strict proto-medical sense of pornography, but explicit in that (within current censorship regimes) the act is simulated rather than merely inferred, implied or suggested, and explicit in the sense that the scenes explicate pivotal narrative moments. (Tuck,2007: 169)

Beleza Americana, Sam Mendes (1999)

Beleza Americana dá conta da vida quotidiana de Lester Burnham, a personagem principal do filme, da sua esposa Carolyn e da sua filha Jane. O filme mostra como cada uma destas personagens procede no seu quotidiano e os problemas que cada um está a viver.

Vista de fora trata-se, aparentemente, de uma família perfeita, numa casa perfeita, numa vizinhança perfeita. No entanto, a medida que a história avança, revela-se uma realidade completamente diferente, podendo pois considerar que se trata de uma sátira a vida da classe media americana, especialmente aquela que habita nos subúrbios das grandes cidades¹¹.

A primeira personagem que surge na narrativa é Lester Burnham, de 42 anos, que é apresentado como um indivíduo deprimido com todos os aspectos da sua vida. É casado com Carolyn, que é quem providencia a maior parte dos rendimentos do lar com o seu trabalho como agente imobiliária, e tem uma filha adolescente, Jane, que acredita odiá-lo apesar das suas tentativas para criar pontes de contacto com ela.

Uma das sequências de abertura revela Lester sozinho na cama. Retira-se para a casa de banho onde se masturba, dizendo:

Olhem para mim, a "bater uma" no duche – este será o ponto alto do meu dia. A partir daqui, é sempre a descer¹².

Segue para o emprego, onde é questionado sobre a sua importância como funcionário dentro da organização para a qual trabalha. Tendo por objectivo dar resposta a esta questão, e para que a sua firma decida que empregados são ou não dispensáveis, tem de apresentar uma descrição das suas funções específicas por escrito, para avaliação.

Mais tarde, na mesma noite, os Burnham sentam-se para um jantar em família, numa cena que transmite, com bastante clareza, o tipo de relacionamento entre estas personagens. A atmosfera é sombria e Lester faz uma tentativa falhada de conversa com a sua filha Jane. Esta abandona a mesa e Carolyn olha para Lester de forma demorada e reprovadora pelo que acaba de suceder ao que ele responde "Oh, o quê? Tu és a mãe¹³ do ano?"

¹¹ As referências a tempo e a espaço no filme são propositadamente escassas. Sabemos apenas, pelas palavras da personagem principal, que aquela é a sua vizinhança e o seu bairro, aquela é a sua vida e em menos de um ano estará morto.

¹² "Look at me, jerking off in the shower — this will be the high point of my day. Its all downhill from here."

¹³ "Oh, what? You're Mother of the Year?"

Duas personagens da história vão funcionar como catalisadores para o comportamento subsequente de Lester. São elas Angela Hayes, a amiga da sua filha, que Lester conhece num evento desportivo do liceu onde ambas estudam; e Ricky Fitts, o filho dos seus novos vizinhos, que se faz acompanhar quase sempre da sua máquina de filmar, gravando imagens daquilo que o rodeia, e que consome erva.

Lester passa a fantasiar recorrentemente com Angela e a consumir *cannabis*, e começa a ter um comportamento cada vez mais autodestrutivo. Em primeiro lugar, entrega a sua descrição de trabalho, tal como requerido pelos patrões:

O meu trabalho consiste, basicamente, em mascarar meu forte desprezo pelos idiotas que mandam, e pelo menos uma vez por dia retirar-me para a casa de banho para que possa masturbar-me e fantasiar com outra coisa que não se pareça tanto com o Inferno¹⁴.

Demite-se e arranja um trabalho na hamburgueria Mr. Smiley, numa procura pelo emprego com a menor quantidade de responsabilidade possível. No exercício das suas novas funções, descobre que a sua esposa Carolyn e o seu corretor de imóveis, Buddy Kane, estão a ter um caso extra-conjugal.

A partir desse momento, Lester passa os seus dias a fazer exercício físico para chamar a atenção de Angela, a fumar erva e a trabalhar neste *drive-thru* de hambúrgueres. Entretanto, Jane e Ricky desenvolvem uma forte relação afectiva e sexual e a relação de amizade entre Jane e Angela começa a enfraquecer.

O filme prossegue para o seu final com Lester a narrar:

Lembram-se daqueles cartazes que dizem: Hoje é o primeiro dia da sua vida? Bem, isso é verdade para todos os dias, excepto um: o dia em que morremos¹⁵.

O filme termina com Lester sentado na mesa da cozinha, inconsciente de que está uma arma apontada à sua cabeça. Reflecte sobre uma imagem feliz da sua família e resume os seus pensamentos da seguinte forma, sorrindo: "Ai, ó pá. Ai ó pá..."¹⁶

A câmara afasta-se do seu sorriso, passa para a sua cabeça, passa para a fotografia, depois para uma jarra de rosas (elemento sempre presente ao longo do filme, assim como a cor vermelha), até ao azulejo branco por um momento. Em seguida a arma dispara e a parede fica salpicada pelo seu sangue.

¹⁴ "My Job basically consists of masking my contempt for the assholes in charge, and at least once a day retiring to the men's room so I can jerk off and fantasize about what doesn't so closely resemble hell."

¹⁵ "Remember those posters that say, Today is the first day of your life? Well that's true for everyday, except one: the day you die."

"look closer"

¹⁶ "Man, oh man. Man, oh man, oh man, oh man, oh man"

Lançado no Festival Internacional de Cinema de Toronto, no dia 11 de Setembro de 1999, como um filme independente dirigido a um público internacional, *Beleza Americana* tornou-se num sucesso instantâneo junto da crítica e do público.

Em Fevereiro de 2000, o filme foi novamente lançado, deixando a sua marca como um dos três produtos cinematográficos mais rentáveis não só nos Estados Unidos, mas também em França, Hong Kong, Irlanda, Itália, Alemanha, México, Espanha e Reino Unido (Woods, 2000).

Foi o trabalho cinematográfico que dominou a edição dos Óscares desse ano e terminou a noite arrecadando o prémio para a categoria de "Melhor Filme". Foi igualmente bem recebido pelos críticos, pelo seu estilo cinematográfico e pela sátira que fazia da vida americana.

Beleza Americana é uma história em que as personagens principais lutam por controlo sobre o seu destino e para encontrar a liberdade de formas diferentes, dentro do seu mundo construído numa perfeição disfuncional. A frase emblemática, que está presente no cartaz e no material de divulgação do filme, resume-o de forma muito clara: "Olhem com mais atenção¹⁷". É, sem dúvida, uma indicação das anormalidades a serem encontradas dentro das duas casas de classe média das famílias suburbanas representadas no filme, os Burnhams e os Fitts.

¹⁷ "look closer"

Aquele Querido Mês e Agosto, Miguel Gomes (2008)

Aquele Querido Mês de Agosto é um registo contemplativo que mistura os géneros documental e de ficção ao longo de toda a obra, e em que o processo de selecção dos actores e o próprio acto de filmagem são integrados nela.

As imagens iniciais remetem-nos para um documentário sobre várias aldeias da zona de Arganil, no distrito de Coimbra, para as suas festas e tradições religiosas, os bailes e os concertos de Verão com bandas de música pimba¹⁸, as gentes que habitam nesses locais, e os emigrantes que retomam a casa nessa altura.

A presença constante da música ao longo de todo o filme contribui fortemente para transmitir as principais características do ambiente que retrata, situando de a acção social, geográfica e culturalmente, "fazendo um levantamento dos nomes das terras em que as filmagens decorrem, incidindo sobre histórias de vida muito diversas, contadas na primeira pessoas por intervenientes de significativa amplitude etária e representantes dos mais variados quadrantes e actividades sociais" (Boto, 2007: 23).

Pelo meio destas imagens de um filme dentro do filme, fica-se a conhecer a história de um pai, sua filha e o primo desta, que são músicos num grupo de baile, e que surgem na narrativa como resultado de um *casting* feito, no âmbito do filme, para encontrar os protagonistas da história.

Sónia Bandeira, uma das personagens principais, é uma jovem vigilante florestal. Durante o período de Verão, faz turnos de 12 horas nas torres de vigia de incêndios. Sónia é também vocalista de uma banda amadora. Entre o trabalho e o lazer, ocupa os seus dias de férias com a sua função de defensora da floresta, com a música e com os amigos, na praia fluvial.

Conhecemos também, entre outras personagens daquela zona, Paulo "Moleiro", que ganhou este nome devido ao ofício do seu falecido pai e que goza de grande popularidade entre os habitantes locais. Em entrevista a equipa de filmagem, Paulo relata a sua história de vida, simples mas atribulada, marcada pelo trabalho agrícola e

¹⁸ "Pimba é uma interjeição da língua portuguesa que, nos anos 90, passou a designar um estilo de música em Portugal, sendo ainda discutível se o termo poderá ser considerado um género musical. O início da utilização do termo coincide com o lançamento de uma canção com o nome *Pimba pimba*, em 1994, que celebrou o nome de Emanuel, até então desconhecido. Geralmente, a música pimba é conotada com raízes rurais e é considerada por muitos como música de segunda categoria. Para outros, esta é a verdadeira música portuguesa, especialmente para a população portuguesa emigrada que, durante o Verão, canta e dança ao seu ritmo pelos arraiais de todo o país. O recurso à brejeirice, trocadilhos básicos e sugestões sexuais é uma constante, à qual acrescem temas amorosos marcados pelo desgosto e pela dificuldade. Em *Aquele Querido Mês de Agosto*, este tipo de músicas não existe, exceptuando-se aquelas marcadas pela religião e pelos amores impossíveis e desencontrados. A parte brejeira está excluída da banda sonora e da narrativa, pelo que evitaremos usar a palavra pimba, preferindo a designação de música popular portuguesa." (Boto, 2007: 173)

pelo abuso de álcool. São também apresentadas as associações culturais locais, assim como o jornal e a emissora da zona, e aqueles que o lêem e escutam, respectivamente.

Depois da acção devidamente circunstanciada, já a mais de um terço do tempo de duração do filme, o foco começa a desviar-se, com a acção a entrar de forma gradual num registo mais próprio da ficção. Sónia Bandeira passa a representar com o nome de Tânia e Fábio Oliveira, um jovem jogador de hóquei apresentado pelo seu treinador, passa a encarnar Hélder, primo de Tânia, e um dos membros da Banda "Estrelas do Alva". A banda "Estrelas do Alva" começa a surgir em várias actuações – com Tânia na voz, acompanhada do seu pai Domingos, nos teclados; de Hélder, a guitarra; e de Gomes, um amigo, na bateria.

Muito cedo começa a adivinhar-se uma relação de amor entre os primos Hélder e Tânia. Enquanto esta relação se começa a desenhar e se torna mais forte, o espectador começa também a aperceber-se da existência de um mistério relacionado com a mãe de Tânia, Maria Rosa. Desconhece-se ao certo o que terá acontecido à mãe de Tânia e esposa de Domingos. Alguns julgam que fugiu, outros acreditam ter falecido. A verdade é que "representa um marco maior em toda a estrutura simbólica do filme, estando presente desde a primeira cena (sob a forma de poema narrado em *off*) — perpassa a narrativa transversalmente, primeiro como uma sombra, um segredo bem guardado, que pouco a pouco se vai revelando e abatendo sobre as personagens, afectando todas elas (com a agravante de todas elas terem entre si um grau de parentesco, tendo este *pathos* uma amplitude familiar)" (Boto, 2007: 24).

O próprio irmão de Maria Rosa, Celestino, confunde a sua sobrinha Tânia com a mãe num momento de drama familiar potenciado pelo consumo de álcool. Esta confusão vem aflorar um facto importante, o de que Tânia tem fortes parecenças físicas com a sua mãe, comprovadas pelo retrato que surge em várias cenas de *Aquele Querido Mês de Agosto*. Também Domingos, que parece ser o mais afectado pelo desaparecimento da sua esposa, chega ao ponto de confundir a filha com mãe, ocasionando situações de impacto dramático. A semelhança física entre as duas leva até a que Hélder, apaixonado prima, se masturbe ao folhear um álbum de fotografias em que a tia está presente, no que parece ser uma tentativa de satisfazer o seu desejo sexual (ainda não consumado) por Sónia.

À medida que o mês de Agosto e o filme se aproximam do seu final, "as narrativas entrecruzam-se, os bailes e as músicas intensificam-se, como intensa (carnal) se toma a relação incestuosa de Tânia com o seu primo Hélder, na iminência de se despedirem

abruptamente, uma vez que Hélder é forçado a emigrar com os pais para França no dia seguinte" (Boto, 2007: 25).

A mistura entre géneros volta a verificar-se, nas últimas cenas do filme com o realizador Miguel Gomes e o director de som Vasco Pimentel a aparecerem em frente às câmaras a debater opções sonoras de algumas cenas do documentário e a existência e utilização da música e dos efeitos sonoros no cinema em geral.

Tal como afirma Daniel Boto que realizou a sua dissertação de mestrado sobre este filme *Aquele Querido Mês de Agosto*, trata-se um retrato muito válido e actual de uma parte muito significativa da sociedade portuguesa. Talvez por isso, tenha tido ecos tão fortes junto da audiência portuguesa, numa aceitação fora do comum para uma produção portuguesa: figura no sétimo lugar do *ranking* dos filmes nacionais estreados em 2008/2009, tendo chegado a mais de 20.000 espectadores nos 86 dias que se manteve em exibição.

Seinfeld, “O Concurso” (1992)

A 18 de Abril de 1992, a estação televisiva norte-americana NBC exibiu um episódio intitulado *The Contest*, que se tornou um dos episódios mais famosos de toda a série cômica *Seinfeld*. George Costanza informa os três amigos Jerry Seinfeld, Elaine Benes e Cosmo Kramer que, numa visita a casa dos seus pais para lhes devolver o carro, pensando que eles estariam no trabalho e que a casa estivesse vazia, começou a folhear a revista *Glamour* e foi surpreendido pela sua mãe.

“A minha mãe apanhou-me... Eu estava sozinho!”¹⁹

Como consequência do susto, a sua mãe sofreu uma queda, tendo sido internada no hospital. Jerry critica a falta de auto-controlo de George o que dá azo a que este proponha fazer uma aposta de 100 dólares para ver quem consegue manter-se durante mais tempo “senhor do seu domínio”. Tanto Elaine como Kramer decidem juntar-se pagando Elaine 150 dólares porque, decidido pelo grupo, a aposta será mais fácil para uma mulher, já que a actividade em questão é considerada parte do estilo de vida de um homem.

Feita a aposta, o episódio leva-nos pelo quotidiano destas personagens enquanto todos têm de resistir a alguma forma de tentação. Jerry e Kramer têm uma vizinha bonita do outro lado da rua que gosta de andar nua em casa e, ao mesmo tempo, Jerry está a namorar com uma rapariga virgem; George é confrontado com a companheira de quarto da mãe no hospital, que recebe todos os dias um banho de esponja de uma enfermeira atraente e Elaine apercebe-se que John F. Kennedy Jr., por quem se sente atraída, frequenta o seu ginásio.

Ao longo do episódio assistimos também ao processo de eliminação. O primeiro a perder a aposta é Kramer, depois de ter contemplado a vizinha que vive no prédio do outro lado da rua. A segunda é Elaine ao saber que John F. Kennedy Jr. a quer conhecer. Aposta perdida, o derrotado deposita a quantia combinada na banca da cozinha de Jerry e aprecia uma noite de sono tranquilo, enquanto os restantes sofrem de insónia. Não se fica a saber ao certo qual o vencedor do concurso, embora as circunstâncias sugiram que tenha sido George. Mais importante, no entanto, é realçar que todo o episódio versou sobre algo que desde os primeiros minutos se torna óbvio para os espectadores, mas a palavra não é pronunciada uma única vez, dado que os censores da NBC, que controlam

¹⁹ “My mother caught me... I was alone!”

os conteúdos dos programas da estação, não o autorizaram. Para transmitir então o seu significado foram usadas estratégias, subtilezas e eufemismos, tudo para não usar a palavra... masturbação.

Doidos por Mary, Peter e Bobby Farrelly (1998)

Doidos por Mary conta a história de Ted Stroehmann, um rapaz pouco popular no liceu que teve a possibilidade de ir ao baile de finalistas com uma das raparigas mais cobiçadas da escola, Mary. No entanto, essa saída nunca se verificou porque Ted sofreu um acidente: ficou com os seus órgãos genitais presos no fecho das calças depois de usar a casa de banho, o que deu origem a um mal-entendido com Mary, que pensou que ele se estava a masturbar enquanto a observava.

Treze anos mais tarde tem nova oportunidade de sair com ela. Depois de terem marcado uma data para uma saída romântica, Ted resolve masturbar-se para aliviar a tensão antes do seu encontro, seguindo o conselho de um amigo. Inesperadamente, Mary chega um pouco mais cedo do que o previsto, e Ted recebe-a sem se aperceber que o fruto da sua ejaculação está, na verdade, pendurado numa das orelhas. Pensando ser apenas vulgar gel de cabelo, Mary utiliza-o, acabando por dar origem a um dos penteados mais conhecidos do cinema da década de 1990.

Sexo e a Cidade, "A tartaruga e a Lebre" (1998)

Este episódio da série televisiva *Sexo e a Cidade* aborda as preocupações de relacionamento entre humanos, e entre humanos e objectos, quando a personagem Charlotte é apresentada a um vibrador chamado "The Rabbit" (O Coelho). Enquanto que inicialmente estava reticente em usar um brinquedo sexual que, nas suas próprias palavras, "não é natural", Charlotte confessa a sua amiga Carrie que O Coelho lhe permitiu os orgasmos mais longos e intensos da sua vida. Começa a ficar em casa noite e as suas amigas suspeitam que está a ficar viciada no vibrador. Depois de a confrontarem com esta situação, Charlotte abdica de forma relutante do seu coelho e volta a ter encontros amorosos com homens, como fazia antes.

Psycho, Gus Van Sant (1998)

Nesta nova versão de um original de 1960 de Alfred Hitchcock, uma das mudanças mais visíveis no enredo é a introdução de um efeito sonoro algo perturbador e não totalmente identificado que surge quando o assassino Norman Bates observa a sua hóspede através de um buraco na parede, e que remete para a masturbação enquanto olha para ela, associando assim a prática a um indivíduo *voyeurista*, perturbado e que se vem a revelar um assassino.

A Cela, Tarsem Singh (1999)

Veja-se também a cena de masturbação oferecida pelo filme *A Cela*. O filme segue as actividades de um assassino em série Carl Stargher que rapta e encarcera jovens mulheres numa cela, completamente vedada que se vai enchendo lentamente de água, até as suas prisioneiras se afogarem. Depois de cada assassinato, que Carl filma, leva o corpo para casa e lava-o com lixívia. Na cave, usando correntes de metal ligadas a *piercings* que tem estrategicamente colocados nas suas costas e pernas, Carl coloca-se suspenso por cima do corpo da vítima e masturba-se enquanto vê o vídeo que filmou do seu sofrimento, cronometrando o seu orgasmo de forma a coincidir com o último sopro de vida da vítima.

American Pie, Paul Weitz (1999)

American Pie é um filme sobre quatro rapazes adolescentes que fazem um pacto com o objectivo de perder a virgindade até à noite do baile de finalistas do liceu.

Dos quatro rapazes destaca-se Jim Levenstein de cujas acções e diálogos transparece um jovem com um grande apetite e curiosidade sexual, reforçado quando é encontrado a masturbar-se para uma meia de ginástica enquanto vê pornografia e, mais tarde, com uma tarte de receita típica americana (o que dá o nome ao filme).

Como resultado deste comportamento, o seu pai tem uma conversa com ele em que lhe transmite: "Tenho de admitir, sabes, também me [hesita] masturbei quando era um bocadinho mais novo. Costumava chamar-lhe fazer festas à linguiça, sim, sabes,

esgalhar o pessegueiro. [pausa] Nunca o fiz com material cozinhado mas sabes, o teu Tio Mort esfrega a minhoca 5 a 6 vezes por dia²⁰."

Inadaptado, Spike Jonze (2002)

A personagem principal deste filme é Charlie Kaufman, um guionista dominado por sentimentos de falta de adequação, de frustração sexual e de auto-boicote. É contratado para fazer uma adaptação para cinema de um livro. Kaufman tem grandes dificuldades em levar a efeito o projecto e apresenta-se ao espectador como um indivíduo cheio de inseguranças, em profundo contraste com o seu irmão gémeo Donald, confiante e bem-sucedido. A masturbação surge, ao longo de todo o filme como sinónimo de falta de adaptação ao mundo real, que faz um jogo interessante com o título – adaptação de um livro para cinema e adaptação para a vida (inadequação emocional e social).

O Delfim, Fernando Lopes (2002)

O Delfim é a adaptação cinematográfica que Fernando Lopes fez do livro com o mesmo nome, de 1968, da autoria de José Cardoso Pires.

A acção desenrola-se na aldeia da Gafeira, uma localidade marcadamente rural onde predomina uma mentalidade tradicionalista e provinciana. Tomás Manuel de Palma Bravo é um abastado proprietário que se desloca com frequência a Lisboa, onde usufrui dos serviços de prostitutas, e que descarta a sua esposa, a “infecunda” Maria das Mercês, a quem não dá atenção e por quem não mostra qualquer tipo de respeito.

A cena de masturbação, associada a esta personagem feminina, parece solidificar os sentimentos de solidão, afastamento e falta de carinho na sua relação conjugal.

A Lula e a Baleia, Noah Baumbach (2005)

A acção de *A Lula e a Baleia* decorre nos anos 1980, em Nova York e conta a história de dois jovens irmãos Walt, de 16 anos, e Frank, de 12, que tentam lidar com o divórcio dos seus pais, Bernard e Joan Berkman. Ele é professor universitário e escritor há vários

²⁰ "I have to admit, you know, I did the fair bit of [esit s] masturbating when I was a little younger. I used to call it stroking the salami, yeah, you know, pounding the old pud. [pause] I never did it with baked goods, but you know your uncle Mort, he pets the one-eyed snake 5-6 times a day."

anos, não tendo ainda conseguido vender nenhum dos seus trabalhos a uma editora. Ela, pelo contrário, encontra-se em franca ascensão na sua carreira literária, factor que, entre outros, também provoca desconforto na relação. Após quase duas décadas de uma união matrimonial marcada por falta de comunicação, ausência e por traição, decidem terminar o casamento.

Na sequência da separação dos seus pais, Frank, o irmão mais novo, encontra várias formas de lidar com os seus sentimentos de dor e de conflito interno. Um deles envolve masturbar-se na biblioteca e espalhar o seu sêmen nas lombadas dos livros.

Weeds, O Último Tango em Agrestic (2006)

Shane, um jovem adolescente, entope a canalização de sua casa com as suas meias de ginástica, para dentro das quais se masturba. Esta circunstância dá origem a que o seu to Andy tenha uma conversa com ele sobre como se desfazer melhor do seu "sumo de homem"²¹ e indicando-lhe quais os métodos menos agressivos para o "delicado órgão", num registo humorístico e atrapalhado.

Call Girl, António Pedro Vasconcelos (2007)

É uma longa-metragem portuguesa com um enredo inspirado na realidade portuguesa. Conta uma história de corrupção em que Maria, uma acompanhante de luxo, tem um papel central. É contratada para seduzir Meireles, Presidente da Câmara de Vilanova, com o objectivo final de usar imagens dos seus encontros sexuais para o chantagear. Desta forma, Meireles vê-se obrigado a autorizar a construção de um empreendimento turístico no Município a que preside, independentemente do impacto ambiental e de envolver negócios menos claros.

A cena de masturbação presente neste filme surge no contexto de um encontro sexual entre estas duas personagens. Maria, numa tentativa de fazer Meireles perder completamente o controlo e entregar-se a práticas sexuais, pergunta: "Já alguma mulher se masturbou para ti?" e começa a tocar-se para espanto e excitação deste.

²¹ "man juice"

Em conjunto com estes filmes e séries de TV agora descritos, foram também encontradas referências a masturbação em programas televisivos difundidos pelos canais abertos da televisão portuguesa, designadamente *Os Simpsons*, *Futurama* e *That 70's Show*. Todas se referem a masturbação masculina. A "mais potente e significativa representação de masturbação feminina a aparecer na televisão" (Waxman, 2007: 227) é o episódio já mencionado de *Sexo e a Cidade* e foi inicialmente transmitida por um canal por cabo, mais precisamente o canal norte-americano HBO, o que revela um desequilíbrio quantitativo entre a representação da masturbação feminina e masculina.

A masturbação no cinema e na televisão recentes – discussão de resultados

Em cerca de 100 anos de cinema e em cerca de 60 de televisão, a masturbação foi apenas raramente representada no ecrã, especialmente de forma explícita. Quando efectivamente apareceu, foi motivo de riso e embaraço; de desajuste com a realidade e, portanto, de alguma pena; algo a temer, ou ainda algo excitante por ser pouco visível e considerado transgressor.

Se na vida real, como já foi visto, a masturbação é muito presente e é a actividade sexual mais praticada por humanos, também na produção audiovisual não parece haver como escapar-lhe, embora muitas vezes, se não na maioria delas, de forma encapotada. Principalmente através do cinema de Hollywood, onde a indústria cinematográfica é também uma grande fazedora de mitos e de ideias, fomos ensinados a pensar sobre uma série de assuntos de determinada maneira, a ter determinados comportamentos e modos de agir. Os filmes são, de certa forma, uma maneira de contar a nossa própria história. Mostraram-nos o que é trágico, normal e o que é tabu na nossa vida quotidiana, entre muitas outras coisas. O mesmo aconteceu mais tarde com a televisão comercial e de massas. Dessa forma, o cinema e a televisão mostraram-nos o que pensar sobre a masturbação, sobre aqueles que se masturbavam e, como consequência, ensinou-nos a reflectir sobre nós mesmos.

Quando uma prática tão recorrente na vida quotidiana, como o mostram os estudos já referidos, não é representada em filmes e em televisão com mais abertura e quantidade, é natural que se comece a pensar haver efectivamente "algo de errado" com esta prática e isso levanta inúmeras questões sobre a forma como ela é encarada.

Senão veja-se, a qualquer hora do dia, tanto nas notícias como nas séries e filmes de ficção, são difundidas imagens e mensagens relacionadas com assassinatos, violência extrema e violações, entre outras. No entanto, a masturbação, nomeadamente a feminina, continua a ser olhada como algo "difícil de digerir" (Waxman, 2007: 228).

Comecemos por uma questão importante e que parece óbvia através de uma avaliação rápida da produção audiovisual recente: tem havido uma crescente sexualização da cultura contemporânea. Como a própria experiência da sociedade de consumo e a pesquisa académica o demonstram, vivemos numa cultura imbuída em sexo. Áreas como as indústrias de entretenimento, da publicidade e do *marketing* apoiam-se

fortemente em imagens sexualizadas (Lin, 1998) e muitos dos trabalhos canónicos da arte e da literatura modernas e pós-modernas empregam imagens e expressões sexualmente explícitas (Pease, 2000). Na cultura moderna mais recente, também se testemunha a venda de prazer sexual num conjunto de indústrias "mediadas" que, de forma diferente da prostituição, vendem prazer sexual fora do encontro sexual físico com outra pessoa.

No que concerne a masturbação, existem muitos exemplos na produção audiovisual norte-americana, adolescente ou adulta, masculina e feminina. Na verdade, na última década a masturbação ganhou uma visibilidade representativa muito maior em inúmeros media. Por exemplo, os programas *Sexo e a Cidade* (1998-2004) e *Donas de Casa Desesperadas* (2004-...) fizeram referência a masturbação, ou de forma mais directa, representaram-na. Comédias românticas adolescentes como *Doidos por Mary* (1998) ou *Um Susto de Filme* (2000) e filmes que agradaram tanto o público como a crítica como *Beleza Americana* (1999) e *Mulholland Dr.* (2001) foram mais "caprichosos" a representar a masturbação masculina e feminina adulta. A publicidade, que não foi estudada neste trabalho de investigação, também faz uma ligação entre satisfações orgânicas masturbatórias e os produtos mais comuns, como por exemplo os champôs (Herbal Essences) ou algumas marcas de chocolate.

Muitas das expressões relacionadas com a masturbação em produções audiovisuais são indirectas o que parece reflectir aquilo que acontecia e ainda acontece na vida real, ou seja, uma tentativa de evitar ou até mesmo fugir ao assunto. O raciocínio ou o paralelo parece ser: se no dia a dia, o tema não é falado, no ecrã também não é permitido fazê-lo, ou é apenas permitido abordá-lo indirectamente.

Foram claramente encontradas diferenças na forma como a masturbação feminina e masculina é representada, o que levanta uma quantidade de questões. Afinal ambos os sexos estão relacionados com formas de auto-estímulo embora a maneira como os homens e as mulheres concretizam os seus desejos auto-eróticos pareça ser, à primeira vista, completamente diferente. Por exemplo, pornografia e o estímulo visual estão mais associadas aos homens. Uma outra ligação que se pode fazer é a de que os brinquedos sexuais são mais populares entre as mulheres do que entre os homens. Atente-se no exemplo dado referente ao episódio de *Sexo e a Cidade*, bem que apesar da reputação do programa como promotor do direito ao prazer sexual individual, o dever de Charlotte se envolver em relações sexuais enfatiza a sua identidade heterossexual em vez dos seus prazeres auto-eróticos, acaba por vencer.

A isto se junta uma prevalência de homens, normalmente brancos, nestas produções audiovisuais, o que parece reflectir a percentagem admitida para ambos os sexos no que diz respeito à prática, assim como as formas pelas quais elas são percebidas no senso comum.

É ainda possível detectar alguns padrões que podem ser divididos em algumas figuras típicas que aparecem recorrentemente:

O adulto desenquadrado

É uma figura que se masturba para conseguir prazer e metaforicamente para conseguir o seu lugar no mundo. O exemplo paradigmático é a personagem de Lester Bumham em *Beleza Americana*.

Mais ainda, muitas das representações mais negativas da masturbação masculina mostram uma espécie de consumo de outros durante o acto, especialmente de mulheres (normalmente sob a forma de imagens) que são transformadas em pouco mais do que acessórios pornográficos. Isto envolve os abusos mais mundanos como por exemplo chamadas telefónicas obscenas ou de voyeurismo.

O louco

Durante muito tempo, a imagem da masturbação esteve associada à "loucura pecaminosa" de personagens com pendor criminoso. O masturbador louco é, curiosamente, uma espécie de paradoxo. Por um lado, é concebido como um indivíduo solitário que vive fora do mundo social e sexual. Por outro, quer ter poder absoluto sobre as suas vítimas. O que se observa é uma profunda objectificação e instrumentalização das suas vítimas transformando a sua imagem ou o seu corpo (normalmente sem vida) em pouco mais do que adereços masturbatórios.

A este respeito a figura do assassino em série masturbado, segundo Gregory Tuck (2009), que se debruçou largamente sobre questões de masturbação e consumo, não é ilógico aos olhos do capitalismo. O seu desejo de mediar o outro e torná-lo uma mercadoria, fá-lo consumir, em certa medida, uma abstracção em vez de se relacionar directamente com uma pessoa. Na opinião deste autor, é simplesmente uma forma de apropriar o modelo capitalista de produção.

A masturbação é empregue aqui para demonstrar a sexualidade perversa do *serial killer*, um indivíduo apanhado numa espiral de loucura, alienação, sadismo e masturbação crescente.

A presença de masturbadoras femininas loucas também existe: *Jovem Procura Companheira* (1992), *Um Olhar Obsessivo* (1999) e *Mulholland Dr.* (2001) são apenas alguns exemplos. Nas três narrativas, estas mulheres surgem como incapazes de formar relações com outras pessoas de forma profunda. Enquanto que nenhuma usa uma vítima como adereço directo, todas assassinam, ou tentam assassinar, os seus amantes, que elas sentiam que nunca "tinham" totalmente.

O adolescente imaturo

É uma figura sexualmente imatura mas com grande curiosidade sexual. Jim de *American Pie I* é um exemplo típico desta categoria, em conjunto com as personagens das séries televisivas *Weeds*, *Parenthood* ou do filme independente *Felicidade*. Esta personagem parece ser uma figura que ainda não conhece a sua sexualidade e, por essa razão, leva a efeito um conjunto de experiências que, habitualmente, provocam uma atitude condescendente nos familiares e amigos da personagem em questão e grande riso nos espectadores. O comportamento que demonstram neste momento da sua vida é encarado como uma fase que será ultrapassada na idade adulta a medida que acumulam experiência sexual e relacional.

Um assunto que parece inicialmente não ser discutido mas que termina sempre com uma intervenção paterna ou de outra figura masculina. É regra geral atribuída a rapazes que são "apanhados" por algum membro da família a masturbarem-se.

Trata-se de um estereótipo que parece reforçar a existência de uma sexualidade adulta e viril, por oposição a esta, imatura e desgovernada, que é necessário atingir.

Em suma, em comparação com períodos anteriores da produção cinematográfica e televisiva, a maior presença da masturbação sugere que a masturbação se tomou "representável". No entanto, é questionável que se aceite a recente aparição destas representações como significando uma mudança ou quebra radical com o passado.

Para começar, porque a maioria das representações contemporâneas da masturbação são claramente críticas da prática e não de uma forma pós-moderna (Tuck: 2007) no sentido de trazerem algo de novo. As representações que existem são quase na totalidade, e não exclusivamente de masturbação masculina, uma perpetuação da figura do(a)

masturbador(a), tal como tem sido vista nos últimos três séculos, um sujeito mau, um louco, ou um triste/desajustado.

As personagens envolvidas em cenas adolescentes “apanhados-a-masturbar”, tais como *American Pie - a Primeira Vez* (Paul e Chris Weitz, EUA, 2000) são normalmente retratadas como ansiosas e fracas a nível físico. O pedófilo masturbador Bill Mapewood (Dylan Barker) e Allen (Philip Seymour Hoffman), o autor de telefonemas obscenos de *Felicidade* (Todd Solondz, EUA, 1999), o tenente de polícia (Hervey Keitel) de *Polícia sem Lei* (Abel Ferrara, EUA, 1992) e o escritor Mervin Udall (Jack Nicholson) de *Melhor é Impossível* (James L. Brooks, EUA, 1997) são representadas como se de alguma forma, não fossem apenas moralmente falidos, mas apanhados numa espiral crítica auto-reflexiva e de degenerescência pessoal.

Conclusões Gerais

A questão mantém-se: porque é que em 2010, algo que é praticado por tantos, é falado por tão poucos?

Como muito trabalho académico nos últimos cerca de trinta anos tem demonstrado, a sexualidade – no que se refere tanto aos comportamentos sexuais como às suas representações – tem uma história. “Em diferentes épocas e em diferentes culturas, aquilo que é considerado norma ou desvio, quais os comportamentos e as formas de prazer sexual que são consideradas socialmente aceites e quais são até passíveis de punição, têm mostrado um grande grau de variação” (Soble, 2007: 167). A masturbação, tal como foi demonstrado, não é excepção.

Este percurso histórico permite-nos ver que a masturbação tem uma história dinâmica e variada. Sempre foi mais do que uma prática. Foi e é uma ideia, um conceito, algo que mostra o lugar do homem no mundo. Que as pessoas se masturbam é um facto generalizado; a forma como pensam, sentem e agem sobre o assunto, não o é. As ideias sobre a masturbação variam de cultura para cultura e de uma era para a era seguinte (ligada directamente a forma como a cultura vive a sexualidade, as ideias e os valores que tem, entre outras circunstâncias).

Numa sociedade em que o tema da masturbação não é discutido em casa ou na escola, onde a integração da sexualidade em geral nos *curricula* escolares é problemática, onde é que aprendemos sobre auto-erotismo e masturbação? De onde vêm as imagens e os conteúdos associados a masturbação? E, principalmente, o que dizem elas sobre o assunto?

De todos os comportamentos sexuais que se foram estabelecendo na televisão e no cinema desde a revolução cultural e sexual dos anos 1960, a masturbação parece ter sido a que demorou mais tempo a ganhar visibilidade e não se pode afirmar que se estabeleceu totalmente, especialmente no que diz respeito à ficção portuguesa.

Mas é incontornável que está cada vez mais presente na ficção em audiovisuais. A aceitação dos seus efeitos benéficos e inofensivos, em conjunto com a verificação da sua ubiquidade, parece estar a negar ansiedades anteriores. Embora permaneça alguma ignorância e alguma superstição em relação ao assunto, as atitudes positivas em relação a masturbação estão a aumentar. Actualmente é quase universalmente aceite pela comunidade médica que a masturbação é uma prática comum, normal e segura, que

ocorre em todas as idades. Apesar desta atitude, a prática e discussão actuais sobre a masturbação continuam a ser um assunto *tabu* em muitos meios o que parece indicar que nas visões históricas parecem continuar a influenciar as atitudes contemporâneas.

No entanto, a visibilidade crescente não reflecte a existência de uma visão mais relaxada em relação à masturbação ou até uma atitude pós moderna em relação à masturbação, no sentido de trazer algo de novo, e novas visões sobre o mesmo assunto. A maioria das representações encontradas, senão mesmo todas, continuam a promover uma atitude em grande medida condenadora em relação à prática e a reforçar estereótipos negativos.

Em suma, a masturbação parece continuar a ser o último *tabu* sexual.

Referências Bibliográficas

Todas as traduções apresentadas nesta dissertação são da exclusiva responsabilidade da autora

Beautiful Agony - Facettes de la Petite Mort,. Acedido em 20 de Março de 2010 em <http://www.beautifulagony.com>.

Beliz, v. (2010). " Estilos de Masturbação Feminina e o Orgasmo no Coito, DEFESA DO TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO". Acedido em 21 de Outubro de 2010 em <http://belizsexologia.blogspot.com/2010/10/estilos-de-masturbacao-feminina-e-o.html?zx=e6d4adbc7079cbdd>.

Boto, D. (2007). *Aquele Querido Mês de Agosto - Análise do Filme de Miguel Gomes*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra para Obtenção do Grau de Mestre em Estudos Artísticos.

Brenot, P. (2006). *Elogio da Masturbação*. Porto. Campo das Letras.

Bullough, V. (2005) *Masturbation 100 years ago and now* in *The Journal of Sex Research*, Vol. 42.

Campolo, T. (1988). *Twenty Hot Potatoes That Christians are Afraid to Touch*. Milton Keynes: Word Publishing.

Charlesworth, C. (2002). *A Pastorally- Motivated Investigation into Issues Surrounding Masturbation among Male Christians*. Trabalho apresentado à Regents Theological College para a obtenção do grau de Bacharelato em Applied Theology.

Cornog, M (2003). *The Big Book of Masturbation – From Angst to Zeal*. São Francisco. Down There Press.

Dodson, B. (1974). *Sex For One - The Joy of Selfloving*. New York. Three Rivers Press.

Dominian, J. (2001). *Let's Make Love*. Londres. Longman & Todd.

Fonseca, L., Allen Gomes. F. e Gouveia, J.P. (1987). Atitudes perante a masturbação. *Psiquiatria Clínica*, vol. 8. nº 2, 71-76.

Friedman, D. (2001). *A Mind of Its Own - A cultural History of the Penis*. London. Robert Hale.

Fulbright, Y. (2003). *Hot Guide to Safer Sex*. Alameda. Hunter House Publishers.

- Geller B. e Greydanus D. (1980). Masturbation: historic perspective in *New York State Journal of Medicine*, Novembro.
- Greenblatt, S. (2004) "Me, Myself and I" in *The New Yorker*, vol.51, nº 6, Abril.
- Haebaerle, E. (ed.) (2006) *Human Sexuality: An Encyclopedia* disponível em <http://www2.hu-berlin.de/sexology/GESUND/ARCHIV/SEN/INDEX.HTM>.
- I Feel Myself*. Acedido em 22 de Março de 2010 em <http://nl.ifeelmyself.com>.
- John, J. (1994). *Always on My Mind*. Londres. Word Publishing.
- Jordan, M. (2002) *The Ethics of Sex*. Oxford. Blackwell.
- Katz, J. (1983). *Gay/Lesbian Almanac*. New York. Harper and Row.
- Laqueur, T. (2004). *Solitary Sex – A Cultural History of Masturbation*. Nova Iorque. Zone Books.
- Larson, C. (2007). *Persuasion: Reception and Responsibility*. Boston. Wadsworth Publishing.
- Lasswell, H. (1960). "The Structure and Function of Communication in Society" in Schamm, W. (ed.) *Mass Communication*, Urbana, University of Illinois Press.
- Lin, c. (1998). "Uses of Sex appeals in Prime-Time Television Commercials" in *Sex Roles: a journal of Research* 38 (5-6): 461-475.
- Martel, F. (2010). *Mainstream, Enquête sur cette culture qui plaît à tout le monde*. Paris. Éditions Flammarion.
- Patton, M. (1985). Masturbation from Judaism to Victorianism. *Journal of Religion and Health*, 24(2), 133–146.
- Pease, A. (2000). *Modernism, Mass Culture and the Aesthetics of Obscenity*. Cambridge. Cambridge University Press.
- Silveira Nunes, J. (2003). "Introdução" in *A Sexologia - perspectiva multidisciplinar II*. Coimbra. Quarteto Editora.
- Soble, A. (2007). "Masturbation: Conceptual and Ethical Matters" in Soble, A. (ed.) (2007) *The Philosophy of Sex*. Boston. Rowman & Littlefield.
- Stengers, J. e Van Neck, A. (2001). *Masturbation: The History of a Great Terror*. Nova Iorque. Palgrave.

Tuck, G. (2007). "Of Monsters, Masturbators and Markets: Autoerotic Desire, Sexual Exchange and the Cinematic Serial Killer" in Scott, N. (ed.) (2007) *Monsters and the monstrous: myths and metaphors of enduring evil*. Nova Iorque e Amsterdam. Rodopi.

Tuck, G. (2009). "The Mainstreaming of Masturbation: Autoeroticism and Consumer Capitalism" in Attwood, F. (ed.) *Mainstreaming Sex - The Sexualization of Western Culture*. London. I. B. Tauris.

Waxman, J. (2007). *Getting Off - A women's Guide to Masturbation*. Berkeley. Seal Press.

Woods, M. (2000). "Beauty bubbly o' seas amid native hits". *Variety*: 219-250.

Wong, M. (2002). Because It's There: Morals, Medicine and Masturbation in the Nineteenth Century. *University of Toronto Medical Journal*, vol. 79. n° 3, 263-265.

Filmes e Série de Televisão

Beleza Americana, Sam Mendes (1999)

Aquele Querido Mês e Agosto, Miguel Gomes (2008)

Seinfeld, "O Concurso" (1992)

Doidos por Mary, Peter e Bobby Farrelly (1998)

Sexo e a Cidade, "A tartaruga e a Lebre" (1998)

Psycho, Gus Van Sant (1998)

A Cela, Tarsem Singh (1999)

American Pie, Paul Weitz (1999)

Inadaptado, Spike Jonze (2002)

O Delfim, Fernando Lopes (2002)

A Lula e a Baleia, Noah Baumbach (2005)

Weeds, O Último Tango em Agrestic (2006)

Call Girl, António Pedro Vasconcelos (2007)